

**Capítulo 9: Métodos quantitativos**

Os métodos quantitativos envolvem os processos de coleta, análise, interpretação e redação dos resultados de um estudo. Existem métodos específicos tanto nas pesquisas de levantamentos quanto nas de experimentos que estão relacionados à identificação de uma amostra e de uma população, à especificação da estratégia de investigação, à realização da coleta e análise de dados, à apresentação de resultados, à elaboração de uma interpretação e da redação de um relatório de modo apropriado para um levantamento ou estudo experimental. Neste capítulo, o leitor aprenderá a especificar os procedimentos para planejar métodos de levantamentos ou de experimentos.

**Capítulo 10: Procedimentos qualitativos**

Os métodos qualitativos de coleta e análise de dados e de redação do relatório diferem das abordagens tradicionais, quantitativas. A utilização de amostras intencionais, a coleta de dados com perguntas abertas, as análises de texto ou imagens, a representação da informação em gráficos e tabelas, e a interpretação pessoal dos resultados das averiguações, todas constituem subsídios aos procedimentos qualitativos. Este capítulo apresenta etapas da elaboração dos procedimentos qualitativos e ilustra esses procedimentos com exemplos tirados da fenomenologia, da teoria embasada na realidade, da etnografia, dos estudos de caso e da pesquisa narrativa.

**Capítulo 11: Procedimentos de métodos mistos**

Os procedimentos de métodos mistos empregam aspectos tanto dos métodos quantitativos quanto dos procedimentos qualitativos. No planejamento desses procedimentos, os pesquisadores precisam transmitir a intenção da pesquisa de métodos mistos e suas aplicações nas ciências sociais e humanas. Os procedimentos, então, envolvem a identificação do tipo de estratégia de investigação de métodos mistos, das abordagens de coleta e análise de dados, do papel do pesquisador e de uma visão da estrutura geral da pesquisa de métodos mistos que norteia o estudo proposto. Este capítulo proporcionará ao leitor uma visão geral da prática atual da pesquisa de métodos mistos e indicará os passos da elaboração de um procedimento de métodos mistos para uma proposta de estudo.

O planejamento de um estudo é um processo difícil, que consome bastante tempo. Este livro não irá, necessariamente, tornar o procedimento mais fácil; porém, proporcionará habilidades úteis para sua execução, conhecimento acerca das etapas envolvidas no processo, além de ser um guia prático para a elaboração e redação de pesquisa acadêmica. Antes de se dedicarem ao desdobramento das etapas do processo, recomendo que, ao desenvolver a proposta, reflitam sobre sua abordagem da pesquisa, efetuem uma revisão da literatura sobre seu tópico, desenvolvam um esquema de tópicos para incluir no plano da proposta e comecem a prever questões éticas potenciais que podem surgir durante a pesquisa. A Parte I trata desses tópicos.

**PARTE I****CONSIDERAÇÕES  
PRELIMINARES****Capítulo 1**

Uma Estrutura para Projeto

**Capítulo 2**

Revisão da Literatura

**Capítulo 3**

Estratégias de Redação e Considerações Éticas

**A** Parte I abordará diversas considerações preliminares necessárias antes de elaborar uma proposta ou um plano para um estudo. Essas considerações estão relacionadas à seleção de uma técnica ou à estrutura para o projeto geral (ou seja, quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos), à revisão da literatura para entender como um estudo proposto acrescenta ou estende a pesquisa anterior e ao emprego – desde o início – de uma boa redação e de práticas éticas.

# Uma Estrutura para Projeto

Nas últimas duas décadas, as técnicas de pesquisa se multiplicaram, fazendo com que investigadores ou pesquisadores tenham muitas escolhas. Para aqueles que vão fazer uma proposta ou um plano, recomendando adotar uma estrutura geral que oriente todas as facetas do estudo, desde a avaliação das idéias filosóficas gerais por trás da investigação até a coleta de dados detalhados e procedimentos de análise. O uso de uma estrutura existente também permite aos pesquisadores abrigar seus planos em idéias bem estabelecidas na literatura e reconhecidas pelo público (por exemplo, comitês acadêmicos) que lê e apóia propostas de pesquisa.

Que estruturas existem para elaborar uma proposta? Embora na literatura abundem tipos e termos, vou me concentrar em três: técnicas quantitativas, qualitativas e de métodos mistos. A primeira está disponível para o cientista de área humana e social há anos; a segunda surgiu principalmente durante as últimas três ou quatro décadas; a última é nova e ainda está se desenvolvendo em forma e substância.

Este capítulo apresenta ao leitor as três técnicas de pesquisa. Sugiro que, para entendê-las, o criador de uma proposta precisa avaliar três elementos da estrutura: suposições filosóficas sobre de que consistem as *alegações de conhecimento*; procedimentos gerais de pesquisa chamados *estratégias de investigação*; procedimentos detalhados de coleta de dados, análise e redação, chamados *métodos*. As técnicas qualitativas, quantitativas e de métodos mistos abordam cada um desses elementos de forma diferente, e essas diferenças são identificadas e discutidas neste capítulo. Depois apresentamos cenários que combinam os três elementos, seguidos das razões pelas quais se deve escolher um meio, e não outro, ao criar um projeto. A discussão não será um tratado filosófico sobre a natureza do conhecimento, mas fornecerá uma base sólida para algumas das idéias filosóficas por trás da pesquisa.

## Três elementos da investigação

Na primeira edição deste livro, usei duas técnicas – qualitativa e quantitativa. Descrevi cada uma em termos de diferentes suposições filosóficas sobre a natureza da realidade, a epistemologia, os valores, a retórica da pesquisa e a metodologia (Creswell, 1994). Vários desenvolvimentos na última década levaram a uma reavaliação dessa postura.

- Surgiu a pesquisa de métodos mistos. Incluindo apenas técnicas quantitativas e qualitativas, deixaríamos de citar os principais métodos usados hoje nas ciências humanas e sociais.
- Outras suposições filosóficas, além daquelas antecipadas em 1994, têm sido amplamente discutidas na literatura. Mais notadamente, perspectivas críticas, perspectivas reivindicatórias/participatórias e idéias pragmáticas (por exemplo, Lincoln e Guba, 2000; Tashakkori e Teddlie, 1998) têm sido amplamente discutidas. Embora as idéias filosóficas permaneçam em grande parte “escondidas” na pesquisa (Slife e Williams, 1995), elas ainda influenciam a prática da pesquisa e precisam ser identificadas.
- A situação hoje é menos quantitativa *versus* qualitativa e mais sobre como as práticas de pesquisa se posicionam em algum lugar em uma linha contínua entre as duas (por exemplo, Newman e Benz, 1998). O melhor que podemos dizer é que estudos *tendem* a ser mais quantitativos ou qualitativos em sua natureza. Assim, posteriormente neste capítulo, vou apresentar cenários *típicos* de pesquisa quantitativa, qualitativa e de métodos mistos.
- Finalmente, a prática de pesquisa (como a redação de uma proposta) envolve muito mais do que suposições filosóficas. Idéias filosóficas devem ser combinadas com enfoques mais amplos de pesquisa (estratégia) e implementadas com procedimentos específicos (métodos). Assim, é necessária uma estrutura que combine os elementos a idéias filosóficas, estratégias e métodos nas três técnicas de pesquisa.

As idéias de Crotty (1998) estabeleceram a base para essa estrutura. Ele sugeriu que, ao elaborar um projeto de pesquisa, devemos considerar quatro questões:

1. Que epistemologia – teoria de conhecimento embutida na perspectiva teórica – instrui a pesquisa (por exemplo, objetividade, subjetividade, etc.)?
2. Que perspectiva teórica – postura filosófica – está por trás da metodologia das questões (por exemplo, positivismo e pós-positivismo, interpretivismo, teoria crítica, etc.)?

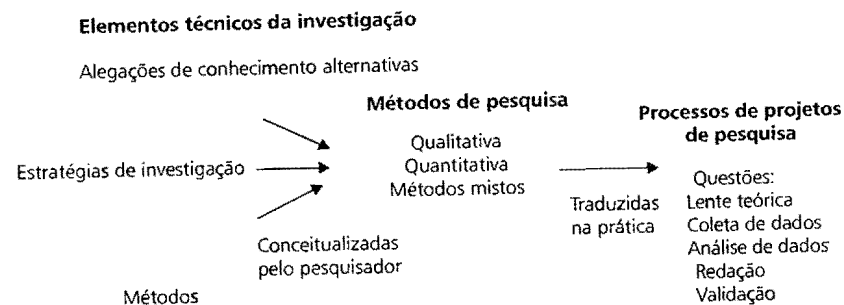
3. Que metodologia – estratégia ou plano de ação que associa métodos a resultados – governa nossa escolha e nosso uso de métodos (por exemplo, pesquisa experimental, pesquisa de levantamento, etnografia, etc.)?
4. Que métodos – técnicas e procedimentos – propomos usar (por exemplo, questionários, entrevista, grupos focais, etc.)?

Essas quatro questões mostram os *níveis* inter-relacionados de decisões que fazem parte do processo de elaboração de uma pesquisa. Além disso, esses são os aspectos que informam a escolha da técnica, variando de suposições amplas trazidas para um projeto até decisões mais práticas sobre como coletar e analisar dados.

Com essas idéias em mente, conceitualizei o modelo de Crotty para abordar três questões centrais para o projeto de pesquisa:

1. Que alegações de conhecimento são feitas pelo pesquisador (incluindo uma perspectiva teórica)?
2. Que estratégias de investigação vão orientar os procedimentos?
3. Que métodos de coleta e análise de dados serão usados?

Depois fiz um quadro, mostrado na Figura 1.1, que expõe como os três elementos da investigação (ou seja, alegações de conhecimento, estratégias e métodos) são combinados para formar diferentes técnicas de pesquisa. Esses sistemas, por sua vez, são traduzidos em processos no projeto de pesquisa. Os passos preliminares para elaborar uma proposta de pesquisa, então, consistem em avaliar as alegações de conhecimento trazidas para o estudo, considerar a estratégia de investigação que será usada e identificar métodos específicos. Usando esses três elementos, um pesquisador pode identificar a técnica quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos na investigação.



**Figura 1.1** Alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos que conduzem a sistemas e processo do projeto.

## Alegações de conhecimento alternativas

Fazer uma *alegação de conhecimento* significa que os pesquisadores começam um projeto com determinadas suposições sobre como vão aprender e o que vão aprender durante a investigação. Essas alegações podem ser chamadas paradigmas (Lincoln e Guba, 2000; Mertens, 1998); suposições filosóficas, epistemologias e ontologias (Crotty, 1998); ou metodologias de pesquisa amplamente concebidas (Neuman, 2000). Em termos filosóficos, os pesquisadores fazem alegações sobre o que é conhecimento (ontologia), como o identificamos (epistemologia), que valores o compõem (axiologia), como escrevemos sobre ele (retórica) e os processos para estudá-lo (metodologia) (Creswell, 1994). Discutiremos quatro escolas de pensamento a respeito de alegações de conhecimento: pós-positivismo, construtivismo, reivindicatória/participatória e pragmatismo. Os principais elementos de cada posição são apresentados na Tabela 1.1. Na discussão que segue, vou tentar traduzir para a prática as idéias filosóficas amplas dessas posições.

Tabela 1.1 Posições das alegações de conhecimento alternativas

Pós-positivismo	Construtivismo
Determinação	Entendimento
Reduccionismo	Significados múltiplos do participante
Observação empírica e mensuração	Construção social e histórica
Verificação da teoria	Geração de teoria
Reivindicatória/participatória	Pragmatismo
Política	Consequências das ações
Orientada para delegação de poder	Centrado no problema
Colaborativa	Pluralista
Orientada para mudança	Orientada para prática no mundo real

## Alegações de conhecimento pós-positivas

Tradicionalmente, as suposições pós-positivistas têm governado as alegações sobre o que garante o conhecimento. Essa posição, algumas vezes, é chamada "método científico" ou fazer pesquisa "científica". Também é chamada pesquisa quantitativa, pesquisa positivista/pós-positivista, ciência empírica e pós-positivismo. O último termo, "pós-positivismo", refere-se ao pensamento posterior ao positivismo, desafiando a noção tradicional da verdade absoluta do conhecimento (Phillips e Burbules, 2000) e reconhecendo que não podemos ser "positivos" sobre nossas alegações de conhecimento quando estudamos o comportamento e as ações dos seres humanos. A tradição pós-positivista vem de escritores do século XIX, como Comte, Mill, Durkheim, Newton e Locke

(Smith, 1983), e mais recentemente foi articulada por escritores como Phillips e Burbules (2000).

O pós-positivismo reflete uma filosofia determinista, na qual as causas provavelmente determinam os efeitos ou os resultados. Assim, os problemas estudados pelos pós-positivistas refletem uma necessidade de examinar causas que influenciam resultados, como as questões examinadas nos experimentos. Ele também é redundante no sentido de que seu objetivo é reduzir as idéias a um conjunto de idéias pequeno e discreto para teste, como as variáveis que constituem as hipóteses e as questões de pesquisa. O conhecimento que se desenvolve através da lente pós-positivista é baseado em observação cuidadosa e mensuração da realidade objetiva que existe no mundo "lá fora". Assim, desenvolver medidas numéricas de observações e estudar o comportamento das pessoas torna-se muito importante para um pós-positivista. Finalmente, há leis ou teorias que governam o mundo e que precisam ser testadas ou verificadas e refinadas para que possamos entender o mundo. Assim, no método científico – a forma de pesquisa aceita pelos pós-positivistas – a pessoa começa com uma teoria, coleta dados que apoiem ou refutem a teoria e, então, faz as revisões necessárias antes de realizar testes adicionais.

Ao ler Phillips e Burbules (2000), podemos ter uma idéia das principais suposições dessa posição, como segue:

1. O conhecimento é conjectural (e antifundamental) – a verdade absoluta nunca pode ser encontrada. Assim, as provas estabelecidas na pesquisa são sempre imperfeitas e falíveis. É por essa razão que os pesquisadores não provam as hipóteses; ao contrário, indicam uma falha para rejeitá-las.
2. Pesquisa é o processo de fazer alegações e depois refinar ou abandonar algumas delas, substituindo-as por outras alegações mais fortemente garantidas. A maior parte da pesquisa quantitativa, por exemplo, começa com o teste de uma teoria.
3. Dados, provas e considerações racionais moldam o conhecimento. Na prática, o pesquisador coleta informações com instrumentos baseados em medidas, completados pelos participantes ou pelas observações registradas pelo pesquisador.
4. A pesquisa procura desenvolver declarações de verdades relevantes, que possam ser usadas para explicar a situação que causa preocupação ou que descreve as relações causais de interesse. Nos estudos quantitativos, os pesquisadores provêm a relação entre as variáveis e apresentam-nas em termos de perguntas ou hipóteses.
5. Ser objetivo é um aspecto essencial da investigação competente; por essa razão, os pesquisadores devem examinar métodos e conclusões em busca de vieses. Por exemplo, padrões de validade e confiabilidade são importantes na pesquisa quantitativa.

### Alegações de conhecimento socialmente construídas

Outros alegam conhecimento através de um processo alternativo e de um conjunto de suposições. O construtivismo social (sempre combinado com interpretivismo; ver Mertens, 1998) é uma dessas perspectivas. As idéias vieram de Mannheim e de trabalhos como *The Social Construction of Reality* (1967), de Berger e Luckmann, e *Naturalistic Inquiry* (1985), de Lincoln e Guba. Entre os escritores mais recentes que sumarizaram essa posição estão Lincoln e Guba (2000), Schwandt (2000), Neuman (2000) e Crotty (1998), entre outros. As suposições identificadas nesses trabalhos afirmam que as pessoas tentam entender o mundo em que vivem e trabalham. Elas desenvolvem significados subjetivos para suas experiências – voltados diretamente para certos objetos ou coisas. Esses significados são variados e múltiplos, levando o pesquisador a buscar uma complexidade de visões, em vez de estreitar significados em poucas categorias ou idéias. O objetivo da pesquisa, então, é basear-se o máximo possível nas visões que os participantes têm da situação que está sendo estudada. As questões tornam-se amplas e gerais, de forma que os participantes possam construir o significado de uma situação, um significado tipicamente forjado em discussões ou interações com outras pessoas. Quanto mais aberto for o questionamento, melhor, pois o pesquisador ouve cuidadosamente o que as pessoas dizem, ou observa o que elas fazem em seu ambiente. Em geral, esses significados subjetivos são negociados social e historicamente. Em outras palavras, eles não são só gravados nas pessoas, mas são formados através de interações com outras pessoas (daí o construtivismo social) e através de normas históricas e culturais que operam na vida das pessoas. Assim, os pesquisadores construtivistas sempre abordam os “processos” de interação entre as pessoas. Eles também se concentram em contextos específicos em que as pessoas vivem e trabalham para entender o ambiente histórico e cultural dos participantes. Os pesquisadores reconhecem que sua própria formação molda sua interpretação e “posicionam-se” na pesquisa para reconhecer como sua interpretação flui a partir de suas próprias experiências pessoais, culturais e históricas. O objetivo do pesquisador, então, é dar sentido (ou interpretar) aos significados que outras pessoas têm para o mundo. Em lugar de começar com uma teoria (como no pós-positivismo), os pesquisadores geram ou desenvolvem indutivamente uma teoria ou um padrão de significado.

Por exemplo, ao discutir construtivismo, Crotty (1998) identificou várias suposições:

1. Significados são construídos pelos seres humanos à medida que eles se envolvem com o mundo que estão interpretando. Pesquisadores qualitativos tendem a usar questões abertas, de forma que os participantes possam expressar suas visões.
2. Os seres humanos encaixam-se em seu mundo e extraem um sentido disso com base em sua perspectiva histórica e social – todos nós nascemos em um mundo de significados que nos é imposto por nossa cultura. As-

sim, os pesquisadores qualitativos tentam entender o contexto ou o ambiente dos participantes visitando esse contexto e colhendo informações pessoalmente. Eles também fazem uma interpretação do que encontram, moldada pelas experiências próprias e pela formação do pesquisador.

3. A geração básica de significado é sempre social, ocorrendo a partir da interação com a comunidade humana. O processo de pesquisa qualitativa é bastante indutivo, com o pesquisador gerando significado a partir dos dados coletados no campo.

### Alegações de conhecimento reivindicatórias/participatórias

Outro grupo de pesquisadores alega conhecimento através de uma técnica reivindicatória/participatória. Essa posição surgiu durante os anos 80 e 90 de pessoas que achavam que as suposições pós-positivistas impunham leis e teorias estruturais que não incluíam pessoas ou grupos marginalizados, ou que não abordavam de modo adequado questões de justiça social. Historicamente, alguns escritores reivindicatórios/participatórios (ou emancipatórios) se basearam nos trabalhos de Marx, Adorno, Marcuse, Habermas e Freire (Neuman, 2000). Mais recentemente, pode-se ler os trabalhos de Fay (1987), Heron e Reason (1997) e Kemmis e Wilkinson (1998) em busca dessa perspectiva. Basicamente, esses pesquisadores acreditavam que a postura construtivista não fazia o suficiente para defender uma agenda ativa que ajudasse as pessoas marginalizadas. Esses pesquisadores acreditam que a investigação precisa ser entrelaçada com política e com uma agenda política. Assim, a pesquisa deve conter uma agenda de ação para reforma que possa mudar a vida dos participantes, as instituições nas quais as pessoas trabalham ou vivem e a vida do pesquisador. Além disso, é necessário abordar questões específicas que falem sobre aspectos sociais atuais importantes, como delegação de poder, desigualdade, opressão, dominação, supressão e alienação. O pesquisador reivindicatório sempre começa com uma dessas questões como ponto focal de pesquisa, a qual também supõe que o pesquisador vai proceder colaborativamente, para não marginalizar ainda mais os participantes em resultado da investigação. Nesse sentido, os participantes podem ajudar a elaborar as questões, coletar dados, analisar informações ou receber recompensas para participar da pesquisa. A “voz” dos participantes torna-se unida pela reforma e pela mudança. Esse engajamento pode significar proporcionar uma voz para esses participantes, elevar seu nível de consciência ou apresentar uma agenda de mudança para melhorar a vida dos participantes.

Dentro dessas alegações de conhecimento estão posturas para grupos ou pessoas na sociedade que podem ser marginalizados ou desprivilegiados. Dessa forma, perspectivas teóricas podem ser integradas às suposições filosóficas, construindo um quadro das questões a serem examinadas, as pessoas a serem estudadas e as mudanças necessárias. Algumas dessas perspectivas teóricas estão listadas a seguir:

- *Perspectivas feministas* centram e tornam problemáticas as diversas situações e instituições femininas que estruturam essas situações. Os tópicos de pesquisa podem incluir questões políticas relacionadas à percepção da justiça social para as mulheres em contextos específicos ou o conhecimento de situações opressivas para elas (Olesen, 2000).
- *Discursos raciais* levantam questões importantes sobre o controle e sobre a produção de conhecimento, particularmente conhecimento relativo a pessoas e comunidades de cor (Ladson-Billings, 2000).
- As perspectivas da *teoria crítica* estão relacionadas à delegação de poderes aos seres humanos para transcender as preocupações impostas a eles por raça, classe e sexo (Fay, 1987).
- A *teoria homossexual* concentra-se em pessoas que se autodenominam lésbicas, gays, bissexuais ou transexuais. A pesquisa pode ser menos objetiva, mais preocupada com meios culturais e políticos e pode transmitir as vozes e as experiências de pessoas oprimidas (Gamson, 2000).
- A *investigação sobre deficientes* aborda o significado da inclusão em escolas e engloba administradores, professores e pais que têm filhos com deficiência (Mertens, 1998).

Esses são grupos e tópicos diversos, e meus resumos aqui são generalizações inadequadas. Seria útil ver o resumo de Kemmis e Wilkinson (1998) das principais características das formas de investigação reivindicatória ou participatória:

1. A ação participatória é recursiva ou dialética e concentra-se em mudar as práticas. Assim, ao final de estudos reivindicatórios/participatórios, os pesquisadores avançam na agenda de ação para mudança.
2. Concentra-se em ajudar as pessoas a se libertarem de constrangimentos encontrados na mídia, na linguagem, nos procedimentos de trabalho e nas relações de poder nos ambientes educacionais. Os estudos reivindicatórios/participatórios sempre começam com uma questão importante ou com uma postura sobre os problemas na sociedade, por exemplo, a necessidade da delegação de poder.
3. É emancipatória no sentido de que ajuda a libertar as pessoas de constrangimentos de estruturas irracionais e injustas, as quais limitam o autodesenvolvimento e a autodeterminação. O objetivo dos estudos reivindicatórios/participatórios é criar debate político e discussão para que a mudança ocorra.
4. Ela é prática e colaborativa porque é uma investigação completada "com" as pessoas, e não "sobre" ou "para" as pessoas. Nesse espírito, os autores

reivindicatórios/participatórios fazem dos participantes colaboradores ativos em suas investigações.

### *Alegações de conhecimento pragmáticas*

Outra posição sobre alegações de conhecimento vem dos pragmáticos. O pragmatismo deriva-se do trabalho de Peirce, James, Mead e Dewey (Cherryholmes, 1992). Entre os autores recentes estão Rorty (1990), Murphy (1990), Patton (1990) e Cherryholmes (1992). Há muitas formas de pragmatismo. Para muitas delas, as alegações de conhecimento surgem a partir de ações, de situações e de consequências, e não de condições precedentes (como no positivismo). Há uma preocupação com as aplicações – "o que funciona" – e soluções para os problemas (Patton, 1990). Em vez de os métodos serem importantes, o problema é mais importante, e os pesquisadores usam todos os meios para entender o problema (ver Rossman e Wilson, 1985). Como uma confirmação filosófica para os métodos de estudo mistos, Tashakkori e Teddlie (1998) e Patton (1990) trazem a importância de concentrar atenção no problema em pesquisa de ciência social e depois usar técnicas pluralistas para obter conhecimento sobre o problema. Segundo Cherryholmes (1992), Murphy (1990) e minhas próprias interpretações desses autores, o pragmatismo proporciona uma base para as seguintes alegações de conhecimento:

1. O pragmatismo não está comprometido com um único sistema de filosofia e realidade. Isso se aplica à pesquisa de métodos mistos, na qual os investigadores usam liberalmente suposições quantitativas e qualitativas quando se engajam em suas pesquisas.
2. Os pesquisadores têm liberdade de escolha. Eles são "livres" para escolher métodos, técnicas e procedimentos de pesquisa que melhor se ajustem a suas necessidades e a seus objetivos.
3. Os pragmáticos não vêem o mundo como uma unidade absoluta. De forma semelhante, os pesquisadores de métodos mistos buscam várias técnicas para coletar e analisar dados, em lugar de adotar uma forma única (por exemplo, quantitativa ou qualitativa).
4. A verdade é o que funciona o tempo todo; ela não é baseada em um dualismo estrito entre a mente e uma realidade completamente independente da mente. Assim, na pesquisa de métodos mistos, os investigadores usam tanto dados quantitativos como qualitativos porque trabalham para oferecer um melhor entendimento de um problema de pesquisa.
5. Os pesquisadores pragmáticos procuram "o que" e "como" pesquisar com base nas consequências pretendidas – aonde querem chegar. Os pesquisadores que usam métodos mistos precisam estabelecer um objetivo para essa "mistura", razão pela qual precisam ser reunidos dados quantitativos e qualitativos.

6. Os pragmáticos concordam que a pesquisa sempre ocorre em contextos sociais, históricos, políticos, entre outros. Dessa forma, estudos de métodos mistos podem incluir usar um pendor pós-moderno, uma lente teórica que reflita a justiça social e os objetivos políticos.
7. Os pragmáticos acreditam (Cherryholmes, 1992) que precisamos parar de fazer perguntas sobre a realidade e sobre as leis da natureza. "Eles simplesmente gostariam de mudar de assunto" (Rorty, 1983, p. xiv).

Assim, para o pesquisador que usa métodos mistos, o pragmatismo abre as portas para métodos múltiplos, diferentes visões de mundo e diferentes suposições, além de diferentes formas de coleta e análise de dados no estudo de métodos mistos.

### Estratégias de investigação

O pesquisador traz para a escolha de um projeto de pesquisa suposições quanto a alegações de conhecimento. Além disso, operando em um nível mais aplicado, estão as estratégias de investigação (ou tradições de investigação, segundo Creswell, 1998; ou metodologias, segundo Mertens, 1998) que fornecem uma direção específica para procedimentos em um projeto de pesquisa. Como ocorre com as alegações de conhecimento, as estratégias têm se multiplicado com o passar dos anos, à medida que tecnologias de computador fazem progredir as análises de dados e a capacidade de analisar modelos complexos, e à medida que as pessoas articulam novos procedimentos para conduzir pesquisa de ciência social. Essas estratégias de pesquisa contribuem para nossa técnica de pesquisa geral. As principais estratégias empregadas nas ciências sociais são discutidas nos Capítulos 9, 10 e 11 deste livro. Ao contrário de cobrir a totalidade ou um grande número de estratégias, esses capítulos concentram-se naquelas frequentemente usadas nas ciências sociais. Aqui serão apresentadas aquelas discutidas posteriormente e citadas nos exemplos de pesquisa em todo o livro. A Tabela 1.2 traz uma visão geral dessas estratégias.

Tabela 1.2 Estratégias alternativas de investigação

Quantitativa	Qualitativa	Métodos mistos
Projetos experimentais	Narrativas	Sequencial
Projetos não-experimentais, como levantamentos	Fenomenologias	Simultânea
	Etnografias	Transformador
	Teoria embasada na realidade	
	Estudos de caso	

### Estratégias associadas à técnica quantitativa

No final do século XIX e durante todo o século XX, as estratégias de investigação associadas à pesquisa quantitativa eram aquelas que invocavam as perspectivas pós-positivistas. Elas incluem os verdadeiros experimentos e os experimentos menos rigorosos, chamados quase-experimentos, estudos correlacionais (Campbell e Stanley, 1963) e experimentos específicos de assunto único (Cooper, Heron e Heward, 1987; Neuman e McCormick, 1995). Mais recentemente, as estratégias quantitativas envolviam experimentos complexos com muitas variáveis e tratamentos (por exemplo, projetos fatoriais e projetos de medida repetida). Elas também incluíam modelos elaborados de equações estruturais que incorporavam caminhos causais e identificação da força coletiva de variáveis múltiplas. Neste livro, vamos nos concentrar em duas estratégias de investigação: experimentos e levantamentos.

- *Experimentos* incluem verdadeiros experimentos, com designação aleatória de sujeitos para condições de tratamento, além de quase-experimentos, que usam projetos não-aleatórios (Keppel, 1991). Incluídos nos quase-experimentos estão os projetos de assunto único.
- *Levantamentos* incluem estudos de seção cruzada e longitudinais usando questionários ou entrevistas estruturadas para coleta de dados, com o objetivo de efetuar generalizações a partir de uma amostra para uma população (Babbie, 1990).

### Estratégias associadas à técnica qualitativa

Na pesquisa qualitativa, os números e os tipos de técnicas também se tornaram mais claramente visíveis durante os anos 90. Os livros sumarizaram os vários tipos (como as 19 estratégias identificadas por Wolcott, 2001), e os procedimentos completos atualmente estão disponíveis em técnicas de investigação qualitativa específica. Por exemplo, Clandinin e Connelly (2000) construíram um quadro do que "os pesquisadores narrativos fazem". Moustakas (1994) discutiu os princípios filosóficos e os procedimentos do método fenomenológico, e Strauss e Corbin (1990, 1998) explicaram os procedimentos da teoria embasada na realidade. Wolcott (1999) sumarizou os procedimentos etnográficos, e Stake (1995) identificou os processos da pesquisa de estudo de caso. Neste livro, os exemplos serão tirados das seguintes estratégias:

- *Etnografia*, na qual o pesquisador estuda um grupo cultural intacto em um ambiente natural durante um período de tempo prolongado, coletando primariamente dados observacionais (Creswell, 1998). O processo de pesquisa



é flexível e, em geral, surge contextualmente em resposta às realidades vividas, encontradas no ambiente de campo (LeCompte e Schensul, 1999).

- *Teoria embasada*, na qual o pesquisador tenta deduzir uma teoria geral e abstrata de um processo, de uma ação ou de uma interação com base nas visões dos participantes de um estudo. Esse processo envolve o uso de estágios múltiplos de coleta de dados e o refinamento e a inter-relação de categorias de informações (Strauss e Corbin, 1990, 1998). Duas características primárias desse projeto são a comparação constante de dados com categorias emergentes e a amostra teórica de diferentes grupos para maximizar as similaridades e as diferenças de informação.
- *Estudos de casos*, nos quais o pesquisador explora em profundidade um programa, um fato, uma atividade, um processo ou uma ou mais pessoas. Os casos são agrupados por tempo e atividade, e os pesquisadores coletam informações detalhadas usando uma variedade de procedimentos de coleta de dados durante um período de tempo prolongado (Stake, 1995).
- *Pesquisa fenomenológica*, na qual o pesquisador identifica a "essência" das experiências humanas relativas a um fenômeno, como descrito pelos participantes de um estudo. Entender as "experiências vividas" identifica a fenomenologia como uma filosofia e como um método, e o procedimento envolve o estudo de um pequeno número de sujeitos através de um envolvimento extenso e prolongado para desenvolver padrões e relações de significado (Moustakas, 1994). Nesse processo, o pesquisador "separa" suas próprias experiências para entender as dos participantes do estudo (Nieswiadomy, 1993).
- *Pesquisa narrativa*, uma forma de investigação na qual o pesquisador estuda a vida das pessoas e pede a uma ou mais pessoas para contar histórias sobre sua vida. Essas informações, então, são recontadas e recriadas pelo pesquisador em uma cronologia narrativa. No final, a narrativa combina visões da vida do participante com as visões da vida do pesquisador em uma narrativa colaborativa (Clandinin e Connelly, 2000).

#### *Estratégias associadas à técnica de métodos mistos*

Bem menos conhecidas do que as estratégias quantitativas ou qualitativas estão aquelas que envolvem coleta e análise das duas formas de dados em um único estudo. O conceito de reunir diferentes métodos provavelmente teve origem em 1959, quando Campbell e Fiske usaram métodos múltiplos para estudar a validade das características psicológicas. Eles encorajaram outros a empregar seu "modelo multimétodo" para examinar técnicas múltiplas de coleta de dados em um estudo. Isso gerou outros métodos mistos, e logo técnicas associadas a métodos de campo, como observações e entrevistas (dados qualitativos), foram combinadas com estudos tradicionais (dados quantitativos) (S. D. Sieber, 1973). Reconhecendo que todos

os métodos têm limitações, os pesquisadores achavam que os vieses inerentes a qualquer método poderiam neutralizar ou cancelar os vieses de outros métodos. Nascia a triangulação das fontes de dados – um meio para buscar convergência entre métodos qualitativos e quantitativos (Jick, 1979). A partir do conceito original de triangulação surgiram razões adicionais para reunir diferentes tipos de dados. Por exemplo, os resultados de um método podem ajudar a desenvolver ou informar outro método (Greene, Caracelli e Graham, 1989). Alternativamente, um método pode ser melhor acomodado dentro de outro método para gerar informações em diferentes níveis ou unidades de análise (Tashakkori e Teddlie, 1998). Ou os métodos podem servir a um objetivo transformador maior, para mudar e defender grupos marginalizados, como mulheres, minorias étnicas/raciais, membros de comunidades gays e lésbicas, pessoas com deficiências e os pobres (Mertens, 2003).

As razões para reunir diferentes métodos levaram escritores de todo o mundo a desenvolver procedimentos para estratégias de investigação de métodos mistos e a assumir os muitos termos encontrados na literatura, como multimétodo, convergência, integrado e combinado (Creswell, 1994), e procedimentos moldados para pesquisa (Tashakkori e Teddlie, 2003).

Em particular, três estratégias gerais e as diversas variações dentro delas serão ilustradas neste livro:

- Procedimentos *seqüenciais*, nos quais os pesquisadores tentam elaborar ou expandir os resultados de um método com outro método. Isso pode significar começar com um método qualitativo para fins exploratórios e continuar com um método quantitativo usando uma amostra maior, de forma que o pesquisador possa generalizar os resultados para uma população. Alternativamente, o estudo pode começar com um método quantitativo, no qual teorias ou conceitos sejam testados, e depois prosseguir com um método qualitativo, envolvendo exploração detalhada de poucos casos ou de poucas pessoas.
- Procedimentos *concomitantes*, nos quais o pesquisador faz a convergência de dados quantitativos e qualitativos a fim de obter uma análise ampla do problema de pesquisa. Nesse projeto, o investigador coleta as duas formas de dados ao mesmo tempo durante o estudo e depois integra as informações na interpretação dos resultados gerais. Além disso, nesse projeto, o pesquisador acomoda uma forma de dados dentro de um procedimento de coleta de dados maior para analisar diferentes questões ou níveis de unidades em uma organização.
- Procedimentos *transformadores*, no qual o pesquisador usa uma lente teórica (ver Capítulo 7) como uma perspectiva integradora dentro de um projeto que contenha dados quantitativos e qualitativos. Essa lente fornece uma estrutura para tópicos de interesse, métodos de coleta de dados e resultados ou mudanças previstos pelo estudo. Dentro dessa lente pode estar um método de coleta de dados que envolva uma técnica seqüencial ou concomitante.



## Métodos de pesquisa

O terceiro elemento principal que compõe um procedimento de pesquisa são os métodos específicos de coleta e análise de dados. Como mostrado na Tabela 1.3, é importante considerar todas as possibilidades para coleta de dados em qualquer estudo e organizar os métodos por seu grau de natureza predeterminada, por seu uso de questionamento fechado *versus* aberto e por seu foco em análise de dados numéricos *versus* dados não-numéricos. Esses métodos serão vistos com mais detalhes nos Capítulos 9 a 11 como métodos quantitativos, qualitativos e mistos.

**Tabela 1.3** Procedimentos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos

Método de pesquisa quantitativo	Método de pesquisa qualitativo	Método misto de pesquisa
Predeterminado	Métodos emergentes	Métodos predeterminados e emergentes
Perguntas baseadas em instrumento	Questões abertas	Questões abertas e fechadas
Dados de desempenho, de atitude, observacionais e de censo	Dados de entrevista, de observação, de documentos e audiovisuais	Formas múltiplas de dados contemplando todas as possibilidades
Análise estatística	Análise de texto e de imagem	Análise estatística e textual

Os pesquisadores coletam dados em um instrumento ou teste (por exemplo, um conjunto de perguntas sobre atitudes em relação à auto-estima), ou reúnem informações sobre uma lista de verificação comportamental (por exemplo, quando os pesquisadores observam um trabalhador usando uma habilidade complexa). Na outra extremidade do arco, isso pode envolver ou visita a um local de pesquisa e observação do comportamento das pessoas sem questões predeterminadas ou condução de uma entrevista na qual as pessoas possam falar abertamente sobre um tópico, em geral, sem o uso de perguntas específicas. A escolha de métodos por um pesquisador depende de seu objetivo: especificar o tipo de informação a ser coletada antes do estudo ou permitir que ela surja dos participantes do projeto. Além disso, o tipo de dados pode ser o de informações numéricas reunidas em escalas de instrumentos ou informações de texto, que registram e relatam a voz dos participantes. Em algumas formas de coleta de dados, coleta-se tanto dados quantitativos como qualitativos. Os instrumentos de coleta de dados podem ser aumentados com observações abertas, ou os dados censitários podem ser seguidos por entrevistas exploratórias em profundidade.

## Três técnicas de pesquisa

As alegações de conhecimento, as estratégias e o método contribuem para uma técnica de pesquisa que *tende* a ser mais quantitativa, qualitativa ou mista. A Tabela 1.4 cria distinções que podem ser úteis na escolha de uma técnica para uma proposta. Ela também inclui práticas das três técnicas que serão enfatizadas nos demais capítulos deste livro.

Algumas definições podem ajudar a esclarecer melhor as três técnicas:

- Uma técnica *quantitativa* é aquela em que o investigador usa primariamente alegações pós-positivistas para desenvolvimento de conhecimento (ou seja, raciocínio de causa e efeito, redução de variáveis específicas e hipóteses e questões, uso de mensuração e observação e teste de teorias), emprega estratégias de investigação (como experimentos, levantamentos e coleta de dados, instrumentos predeterminados que geram dados estatísticos).
- Por outro lado, uma técnica *qualitativa* é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias (ou seja, políticas, orientadas para a questão; ou colaborativas, orientadas para a mudança) ou em ambas. Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados.
- Finalmente, uma técnica de *métodos mistos* é aquela em que o pesquisador tende a basear as alegações de conhecimento em elementos pragmáticos (por exemplo, orientado para consequência, centrado no problema e pluralista). Essa técnica emprega estratégias de investigação que envolvem coleta de dados simultânea ou sequencial para melhor entender os problemas de pesquisa. A coleta de dados também envolve a obtenção tanto de informações numéricas (por exemplo, em instrumentos) como de informações de texto (por exemplo, em entrevistas), de forma que o banco de dados final represente tanto informações quantitativas como qualitativas.

Para ver como esses três elementos (alegações de conhecimento, estratégias e métodos) são combinados na prática, criei vários cenários típicos de pesquisa, como mostrado na Figura 1.2.

Tabela 1.4 Técnicas quantitativas, qualitativas e de métodos mistos

Tende a ou tipicamente	Técnicas qualitativas	Técnicas quantitativas	Técnicas de método misto
Usa estas suposições filosóficas	Alegações de conhecimento construtivistas/revindicatórias / participatórias	Alegações de conhecimento pós-positivista	Alegações de conhecimento pragmáticas
Emprega estas estratégias de investigação	Fenomenologia, teoria embasada, etnografia, estudo de caso e narrativa	Levantamentos e experimentos	Sequencial, concorrente e transformadora
Emprega estes métodos	Questões abertas, técnicas emergentes, dados de texto ou imagem	Questões fechadas, técnicas predeterminadas, dados numéricos	Questões abertas e fechadas, trajetórias emergentes e predeterminadas, dados quantitativos e qualitativos e análise
Usa estas práticas de pesquisa, à medida que o pesquisador	Posiciona-se Coleta significados dos participantes Concentra-se em um único conceito ou fenômeno  Traz valores pessoais para o estudo Estuda o contexto ou o ambiente dos participantes Valida a precisão dos resultados  Faz interpretações dos dados Cria uma agenda para mudança ou para reforma Colabora com os participantes	Testa ou verifica teorias ou explicações Identifica variáveis para estudo Relata variáveis em questões ou hipóteses Usa padrões de validade e confiabilidade  Observa e mensura as informações numericamente Usa métodos não-tendenciosos Emprega procedimentos estatísticos	Coleta dados quantitativos e qualitativos Desenvolve um raciocínio para fazer a mistura Integra os dados em estágios diferentes da investigação  Apresenta quadros visuais dos procedimentos no estudo Emprega as práticas de pesquisa qualitativas e quantitativas

Técnica de pesquisa	Alegações de conhecimento	Estratégia de investigação	Métodos
Quantitativa	Suposições pós-positivistas	Projeto experimental	Mensuração de atitudes, classificação de comportamentos
Qualitativa	Suposições construtivistas	Projeto etnográfico	Observações de campo
Qualitativa	Suposições emancipatórias	Projeto narrativo	Entrevistas abertas
Métodos mistos	Suposições pragmáticas	Projeto de métodos mistos	Medidas fechadas, observações abertas

Figura 1.2 Quatro combinações alternativas de alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos.

- Técnica *quantitativa*: alegações de conhecimento pós-positivista, estratégia experimental de investigação e medidas de atitudes pré e pós-teste.

Neste cenário, o pesquisador testa uma teoria ao especificar hipóteses restritas e coleta dados para apoiar ou refutar as hipóteses. Utiliza-se um projeto experimental no qual as atitudes são avaliadas antes e depois de um tratamento experimental. Os dados são coletados em um instrumento que mensure atitudes, e as informações coletadas são analisadas com o uso de procedimentos estatísticos e teste de hipótese.

- Técnica *qualitativa*: alegações de conhecimento construtivista, projeto etnográfico e observação de comportamento.

Nesta situação, o pesquisador tenta estabelecer o significado de um fenômeno a partir do ponto de vista dos participantes. Isso implica identificar um grupo que compartilha cultura e estudar como ele desenvolveu padrões compartilhados de comportamento com o passar do tempo (ou seja, etnografia). Um dos principais elementos da coleta de dados é observar o comportamento dos participantes em suas atividades.

- Técnica *qualitativa*: alegações de conhecimento participatório, projeto narrativo e entrevistas abertas.

Para esse estudo, o pesquisador procura examinar uma questão relacionada com a opressão de indivíduos. Para estudar isso, a técnica é baseada em coleta de histórias de opressões individuais usando um método narrativo. As pessoas são entrevistadas detalhadamente para determinar como enfrentaram a opressão.

- Técnica de *métodos mistos*: alegações de conhecimento pragmáticas, coleta sequencial de dados quantitativos e qualitativos.

O pesquisador baseia a investigação na suposição de que a coleta de diversos tipos de dados garante um entendimento melhor do problema de pesquisa. O estudo começa com um levantamento amplo para generalizar os resultados para uma população e depois se concentra, em uma segunda fase, em entrevistas qualitativas abertas visando a coletar visões detalhadas dos participantes.

## Critérios para selecionar uma técnica

Considerando esses três enfoques, que fatores afetam a escolha de uma técnica em detrimento de outra para elaborar uma proposta? Três considerações fazem parte dessa decisão: o problema de pesquisa, as experiências pessoais do pesquisador e o público para quem o relatório será redigido.

## Associação entre problema e técnica

Certos tipos de problemas sociais exigem técnicas de pesquisa específicas. Um problema de pesquisa, como discutido no Capítulo 4, é uma questão ou um problema que precisa ser abordado (por exemplo, decidir se um tipo de intervenção funciona melhor do que outro). Por exemplo, se o problema é identificar os fatores que influenciam um resultado, a utilidade de uma intervenção ou a compreensão dos melhores precursores de resultados, então é melhor usar uma técnica quantitativa. Esta também é a melhor técnica a ser usada para testar uma teoria ou explanação. Por um lado, se um conceito ou fenômeno precisa ser entendido pelo fato de ter sido feita pouca pesquisa sobre ele, então é melhor uma técnica qualitativa. A pesquisa qualitativa é exploratória e útil quando o pesquisador não conhece as variáveis importantes a examinar. Esse tipo de técnica pode ser necessário ou porque o tópico é novo, ou porque nunca foi abordado com uma determinada amostragem ou grupo de pessoas, ou porque as teorias existentes não se aplicam a uma determinada amostra ou grupo em estudo (Morse, 1991).

Um projeto de métodos mistos é útil para aprender o melhor das técnicas quantitativas e qualitativas. Por exemplo, um pesquisador pode querer generalizar os resultados para uma população e desenvolver uma visão detalhada do significado de um fenômeno ou conceito para as pessoas. Nessa pesquisa, o investigador primeiro faz explorações gerais para descobrir que variáveis estudar e então estuda aquelas variáveis com uma amostragem maior de pessoas. Alternativamente, os pesquisadores podem primeiro estudar um grande grupo de pessoas e depois fazer um acompanhamento com um número menor para obter sua linguagem e suas vozes específicas sobre o tópico. Nessas situações, o fato de coletar tanto dados quantitativos abertos como dados qualitativos fechados prova ser vantajoso para melhor entender um problema de pesquisa.

## Experiências pessoais

Dessa mescla de escolhas também participam o treinamento e as experiências pessoais do pesquisador. Uma pessoa treinada em redação técnica e científica, em estatística e programas estatísticos de computador, que também esteja familiarizada com publicações quantitativas na biblioteca, tem mais tendência a escolher o projeto quantitativo. A técnica qualitativa incorpora muito mais a forma literária de redação, os programas de análise de texto por computador e a experiência na condução de entrevistas abertas e observações. O pesquisador de métodos mistos precisa estar familiarizado com a pesquisa quantitativa e qualitativa. Essa pessoa também precisa entender o raciocínio para combinar as duas formas de dados, de maneira que elas possam ser articuladas em uma proposta. A técnica de métodos mistos também exige conhecimento sobre os diferentes projetos de métodos mistos que ajudam a organizar os procedimentos para um estudo.

Como os estudos quantitativos são o modo tradicional de pesquisa, existem procedimentos e regras cuidadosamente desenvolvidos para a realização de pesquisas. Isso significa que os pesquisadores podem se sentir mais confortáveis com os procedimentos altamente sistemáticos da pesquisa quantitativa. Além disso, para algumas pessoas pode ser desconfortável desafiar técnicas aceitas entre alguns grupos de acadêmicos usando técnicas qualitativas e reivindicatórias/participatórias de investigação. Por outro lado, técnicas qualitativas permitem ao pesquisador ser inovador e trabalhar mais nos limites de estruturas projetadas por ele. Elas permitem uma redação mais criativa, com estilo literário, que as pessoas podem gostar de usar. Para escritores reivindicatórios/participatórios, há indubitavelmente um forte estímulo pessoal para pesquisar tópicos de interesse pessoal – questões relacionadas a pessoas marginalizadas e interesse em criar uma sociedade melhor para essas pessoas e para todos.

Para o pesquisador de métodos mistos, um projeto exigirá tempo extra devido à necessidade de coletar e analisar tanto dados quantitativos como qualitativos. Isso se ajusta a uma pessoa que gosta tanto da estrutura da pesquisa quantitativa como da flexibilidade da investigação qualitativa.

## Público

Finalmente, os pesquisadores são sensíveis ao público para quem relatam sua pesquisa. Esse público pode ser composto de editores de periódicos, leitores de periódicos, comitês de pós-graduação, participantes de uma conferência ou colegas de campo. Os estudantes devem considerar as técnicas geralmente apoiadas e usadas por seus orientadores. As experiências desses públicos com estudos de método quantitativo, qualitativo ou de métodos mistos vão moldar a tomada de decisão em relação a essa escolha.

## Resumo

Uma consideração preliminar antes de elaborar uma proposta é identificar uma estrutura para o estudo. Três técnicas de pesquisa são discutidas neste capítulo: pesquisa quantitativa, qualitativa e de métodos mistos. Elas contêm suposições filosóficas sobre alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de pesquisa específicos. Quando filosofia, estratégias e métodos são combinados, fornecem diferentes estruturas para conduzir a pesquisa. A escolha da técnica a ser utilizada é baseada no problema de pesquisa, nas experiências pessoais e no público para quem se escreve.

### Exercícios de redação

1. Identifique uma questão de pesquisa em um artigo de periódico e discuta que técnica seria melhor para estudar a questão e por quê.
2. Tome um tópico que você gostaria de estudar e, usando as quatro combinações de alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos na Figura 1.2, discuta como o tópico poderia ser estudado usando cada uma das combinações.
3. Localize um artigo de periódico que seja uma pesquisa quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos. Identifique as "marcas" que mostram por que ele é classificado em uma técnica, mas não nas outras.

### Leituras adicionais

Cherryholmes, C. H. (1992). Notas sobre pragmatismo e realismo científico. *Educational Researcher*, 14, agosto-setembro, 13-17.

Cleo Cherryholmes contrasta pragmatismo com pesquisa científica tradicional. Os pontos fortes deste artigo são as numerosas citações de escritores sobre pragmatismo e um esclarecimento das versões alternativas de pragmatismo. Cherryholmes esclarece sua própria posição ao indicar que o pragmatismo é conduzido por consequências previstas, uma relutância em falar a verdade e a ideia de que há um mundo externo independente de nossas mentes.

Crotty, M. (1998). *The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process*, Londres: Sage.

Michael Crotty oferece uma estrutura útil para associar várias questões epistemológicas, perspectivas teóricas, metodologia e métodos de pesquisa social. Ele inter-relaciona os quatro componentes do processo de pesquisa e mostra na Tabela 1 uma amostra representativa dos tópicos de cada componente. Ele então passa a discutir nove diferentes orientações teóricas na pesquisa social, como pós-modernismo, feminismo, investigação crítica, interativismo, construcionismo e positivismo.

Kemmis, S. e Wilkinson, M. (1998). Pesquisa de ação participatória e estudo da prática. Em B. Atweh, S. Kemmis e P. Weeks (eds.), *Action research in practice: Partnerships for social justice in education* (p. 21-36), Nova York: Routledge.

Stephen Kemmis e Mervyn Wilkinson nos dão uma visão geral excelente da pesquisa participatória. Em particular, eles observam as seis principais características desta técnica de investigação e discutem como a pesquisa de ação é praticada nos níveis individual, social ou em ambos.

Lincoln, Y. S., e Guba, E. G. (2000). Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. Em N. K. Denzin, Y. S. Lincoln e E. G. Guba (eds.), *Handbook of qualitative research* (2ª. ed., p. 163-188), Thousand Oaks, CA: Sage.

Yvonna Lincoln e Egon Guba mostram as crenças básicas de cinco paradigmas alternativos de investigação na pesquisa de ciência social. Isso amplia a análise anterior feita na primeira edição do *Handbook* e inclui os paradigmas de positivismo, pós-positivismo, teoria crítica, construtivismo e participatório. Cada um é apresentado em termos de ontologia (ou seja, natureza da realidade), epistemologia (ou seja, como sabemos o que sabemos) e metodologia (ou seja, o processo de pesquisa). O paradigma participatório constitui outro paradigma alternativo àqueles originalmente apresentados na primeira edição. Depois de apresentar resumidamente essas cinco técnicas, os autores fazem uma comparação entre elas em termos de sete questões, como da natureza do conhecimento e de como o conhecimento se acumula.

Neuman, W. L. (2000). *Social research methods: Qualitative and quantitative approaches* (4ª ed.), Boston: Allyn and Bacon.

Lawrence Neuman fornece um amplo texto sobre métodos de pesquisa como introdução à pesquisa de ciência social. O Capítulo 4, intitulado "The Meanings of Methodology" (Os significados da metodologia), é especialmente útil para entender o significado alternativo de metodologia. Nele, o

autor contrasta três metodologias – ciência social positivista, ciência social interpretativa e ciência social crítica – em termos de oito questões (por exemplo, que constitui uma explanação ou teoria da realidade social? Como deve ser uma boa prova ou uma informação factual?).

Phillips, D. C. e Burbules, N. C. (2000), *Postpositivism and educational research*, Lanham, MD: Rowman e Littlefield.

D. C. Phillips e Nicholas Burbules resumizam as principais idéias do pensamento pós-positivista. Em dois capítulos, "What is Postpositivism?" (O que é pós-positivismo?) e "Philosophical Commitments of Postpositivist Researchers" (Comprometimentos filosóficos dos pesquisadores pós-positivistas), os autores apresentam grandes idéias sobre pós-positivismo, especialmente aquelas que o diferenciam do positivismo. Isso inclui saber que o conhecimento humano é conjectural, e não imutável, e que nossas garantias de conhecimento podem ser retiradas à luz de investigações adicionais.

## Capítulo

# 2

## Revisão da Literatura

**A**lém de selecionar uma técnica quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos, quem elabora uma proposta também deve começar com uma revisão da literatura acadêmica. Revisões de literatura ajudam os pesquisadores a limitar o escopo de sua investigação e transmitem para os leitores a importância de estudar um tópico.

Este capítulo continua a discussão sobre escolhas preliminares a serem feitas antes de iniciar uma proposta. Ele começa com uma discussão sobre seleção de um tópico e sua redação de forma que o pesquisador possa refletir sobre ele continuamente. Nesse ponto, os pesquisadores também precisam considerar se o tópico *pode* e *deve* ser pesquisado. Depois, a discussão passa a ser sobre o processo real de revisão da literatura. Começa com o objetivo geral do uso de literatura em um estudo, depois passa para princípios úteis para fazer revisão de literatura em estudos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos.

### Identificar um tópico

Antes de considerar que literatura usar em um projeto, primeiro identifique um tópico para estudar e para refletir se é prático e útil fazer o estudo. Descreva o tópico em poucas palavras ou em uma frase curta. O tópico torna-se a idéia central a ser aprendida ou explorada em um estudo.

Há várias formas através das quais os pesquisadores obtêm algumas informações sobre o tópico quando estão começando sua pesquisa. Minha suposição é que o tópico será escolhido pelo pesquisador, e não por um orientador ou pelo membro de um comitê. Diversas estratégias podem ajudar a começar o processo de identificação de um tópico.

Uma forma é redigir um título resumido para o estudo. Fico surpreso em ver com que frequência os pesquisadores deixam de redigir um título no início de

seus projetos. Na minha opinião, o "título funcional" torna-se uma sinalização importante na pesquisa – uma idéia tangível para continuar se refocando e mudando à medida que o projeto prossegue (ver Glesne e Peshkin, 1992). Descobri que, em minha pesquisa, esse tópico servia de base e sinalizava o que eu estava estudando, além de ser um sinal sempre usado para transmitir aos outros a noção central de meu estudo. Quando os alunos me trazem seu primeiro esboço de um estudo de pesquisa, peço a eles que criem um título funcional se eles ainda não tiverem um para o trabalho.

Como esse título funcional seria escrito? Tente completar esta frase: "Meu estudo é sobre...". Uma possível resposta seria "Meu estudo é sobre crianças em risco no ensino fundamental" ou "Meu estudo é sobre ajudar os professores universitários a se tornarem melhores pesquisadores". Nesse estágio do projeto, estruture a resposta à pergunta de forma que qualquer acadêmico possa entender facilmente o significado do projeto. Um defeito comum de pesquisadores iniciantes é estruturar seu estudo em linguagem complexa e erudita. Essa perspectiva pode resultar da leitura de artigos publicados que passaram por diversas revisões antes de serem impressos. Projetos de pesquisa bons e lógicos começam com pensamentos coerentes, descomplicados, que podem ser facilmente lidos e entendidos.

Esses títulos entendidos com facilidade também devem refletir princípios de bons títulos. Wilkinson (1991) dá conselhos úteis para criar um título: seja breve e evite desperdiçar palavras. Elimine palavras desnecessárias, como "Uma técnica para" ou "Um estudo sobre". Use título simples ou título duplo. Um exemplo de título duplo é "Uma etnografia: entender a percepção de guerra de uma criança". Além das idéias de Wilkinson, considere um título que não tenha mais que doze palavras, elimine a maioria dos artigos e das preposições e assegure-se de que ele inclui o foco ou o tópico do estudo.

Outra estratégia para desenvolvimento do tópico é colocá-lo como uma questão sucinta. Que perguntas devem ser respondidas no estudo proposto? Um pesquisador pode perguntar: "Qual o melhor tratamento para depressão?", "O que significa ser árabe na sociedade norte-americana atual?" ou "O que leva as pessoas a locais turísticos no Meio-oeste?". Ao elaborar questões como essas, concentre-se no tópico-chave da questão como o principal indicador para o estudo. Considere como essa questão pode ser expandida posteriormente (ver Capítulos 5 e 6, relativos à declaração de objetivo e às questões e hipóteses da pesquisa, respectivamente) para descrever melhor seu estudo.

## Um tópico pesquisável

Para elevar efetivamente este tópico a um estudo de pesquisa, devemos também refletir se o tópico pode e deve ser pesquisado. Um tópico *pode* ser pesquisado se os pesquisadores tiverem participantes que desejam envolver-se no estudo.

Ele também pode ser pesquisado se os investigadores tiverem recursos nos pontos fundamentais do estudo, como recursos para coletar dados durante um período sustentado de tempo e recursos para analisar informações, seja através de análise de dados, seja de programas de análise de texto.

A questão do *deve* é mais complexa. Diversos fatores pesam nessa decisão. Talvez o mais importante seja saber se o tópico agrega ao grupo de conhecimento de pesquisa disponível sobre o assunto. O primeiro passo em qualquer projeto é gastar um tempo considerável na biblioteca examinando a pesquisa sobre um tópico (ver a seguir neste capítulo as estratégias para usar efetivamente a biblioteca e seus recursos). Esse ponto não pode ser excessivamente enfatizado. Pesquisadores iniciantes podem desenvolver um grande estudo, completo em todos os sentidos, como a clareza das questões de pesquisa, a amplitude da coleta de dados e a sofisticação da análise estatística. Depois de tudo isso, o pesquisador pode ter pouco apoio dos comitês acadêmicos ou planejadores de conferência porque o estudo não acrescenta "nada de novo" naquela área de pesquisa. Pergunte "Como este projeto contribui para a literatura?". Considere como o estudo deve abordar um tópico que ainda vai ser examinado, estenda a discussão incorporando novos elementos, ou copie (ou repita) um estudo em novas situações ou com novos participantes.

A questão de saber se o tópico *deve* ser estudado também está relacionada ao fato de outras pessoas fora do círculo da instituição do pesquisador estarem interessadas nele. Considerando dois tópicos, um de interesse limitado e regional e outro de interesse nacional, eu optaria pelo último, pois seu apelo a um público geral vai ajudar os leitores a entender o valor do estudo. Editores de periódico, membros de comitê, planejadores de conferência e agências de financiamento gostam de pesquisas que atingem um público amplo. Por fim, a questão do *deve* também está relacionada às metas pessoais do pesquisador. Considere o tempo que leva para completar um projeto, revisá-lo e divulgar os resultados. Todos os pesquisadores devem considerar como o estudo de pesquisa e o tempo dedicado pelo pesquisador vão melhorar suas metas de carreira, sejam elas relacionadas mais à pesquisa, à obtenção de uma posição futura ou ao avanço para um grau superior.

Antes de levar adiante uma proposta ou um estudo, é preciso pesar esses fatores e verificar a reação dos outros ao tópico. Busque reações de colegas, autoridades reconhecidas na área, orientadores acadêmicos e membros de comitês acadêmicos, e colegas.

## Objetivo da revisão de literatura

A revisão de literatura em um estudo de pesquisa tem vários objetivos. Ela compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão proximoamente relacionados ao estudo que está sendo relatado. Ela relaciona um estudo ao diá-

logo corrente mais amplo na literatura sobre um tópico, preenchendo lacunas e ampliando estudos anteriores (Cooper, 1984; Marshall e Rossman, 1999). Ela fornece uma estrutura para estabelecer a importância do estudo e um indicador para comparar os resultados de um estudo com outros resultados. Todas ou algumas dessas razões podem ser a base para incluir a literatura acadêmica em um estudo (ver Miller, 1991, para uma lista mais ampla de objetivos para uso da literatura em um estudo). Além da questão de por que ela é usada está a questão de como seu uso pode ser diferente nas três técnicas de pesquisa.

### Revisão de literatura em pesquisa qualitativa, quantitativa e de métodos mistos

Na pesquisa *qualitativa*, os investigadores usam a literatura de maneira consistente com as suposições de aprendizado do participante, e não para prescrever as questões que precisam ser respondidas sob o ponto de vista do pesquisador. Uma das principais razões para conduzir um estudo qualitativo é que o estudo é exploratório. Isso significa que ainda não foi escrita muita coisa sobre o tópico ou sobre a população em estudo, e o pesquisador tenta ouvir os participantes e construir um entendimento baseado nas idéias deles.

Porém, o uso da literatura em pesquisa qualitativa varia de modo considerável. Em estudos qualitativos teoricamente orientados, como etnografias ou etnografias críticas, a literatura em um conceito cultural ou uma teoria crítica da literatura é apresentada pelos pesquisadores no início do estudo como uma estrutura orientadora. Em estudos baseados em teoria, estudos de caso e estudos fenomenológicos, a literatura desempenha um papel menor para estabelecer o cenário para o estudo.

Com uma técnica baseada em aprender com os participantes e com uma variação pelo tipo de pesquisa qualitativa, temos diversos modelos para incorporar a literatura em um estudo qualitativo. Sugiro três locais de posicionamento. Uma revisão de literatura pode ser usada em um desses locais ou em todos. Conforme mostrado na Tabela 2.1, você pode incluir a literatura na introdução de um estudo. Nesse local, a literatura fornece um pano de fundo útil para o problema ou para a questão que gerou a necessidade do estudo, como quem já escreveu sobre isso, quem já estudou isso e quem indicou a importância de estudar a questão. Esse "enquadramento" do problema é, evidentemente, dependente dos estudos disponíveis. Pode-se encontrar ilustrações desse modelo em muitos estudos qualitativos que empregam diferentes estratégias de investigação.

Uma segunda forma é revisar a literatura em uma seção separada, um modelo geralmente usado na pesquisa quantitativa. Esse método sempre aparece quando o público consiste de pessoas ou leitores com orientação quantitativa. Além disso, em estudos qualitativos orientados para teoria, como etnografias e estudos de teoria crítica ou estudos com fins reivindicatórios ou emancipatórios, o pesquisador pode posicionar a discussão de teoria e literatura em uma seção separada,

Tabela 2.1 Uso de literatura em um estudo qualitativo

Uso de literatura	Crítério	Exemplos de tipos apropriados de estudo
A literatura é usada para "enquadrar" o problema na introdução do estudo.	Tem que haver alguma literatura disponível.	Muitas vezes, usado em todos os estudos qualitativos, independentemente do tipo.
A literatura é apresentada numa seção separada como uma "revisão da literatura".	Um método sempre aceitável para um público mais familiarizado com a técnica tradicional e positivista de revisão de literatura.	Esse método é usado com os estudos que empregam teoria forte e histórica de literatura no começo do estudo, como etnografias e estudos de teoria crítica.
A literatura é apresentada no final do estudo; ela se torna uma base de comparação e contraste de resultados no estudo qualitativo.	Esse método é mais apropriado para o processo "indutivo" da pesquisa qualitativa; a literatura não orienta e dirige o estudo, mas torna-se útil, uma vez que padrões ou categorias já tenham sido identificados.	Esse método é usado em todos os tipos de projetos qualitativos, mas é mais popular com teoria embasada na realidade, na qual o pesquisador contrasta e compara sua teoria com outras teorias encontradas na literatura.

geralmente no começo do estudo. Em uma terceira via, o pesquisador pode incorporar a literatura relacionada na seção final do estudo, na qual ela é usada para comparar e contrastar os resultados (ou temas ou categorias) que surgiram do estudo. Esse modelo é especialmente popular em estudos baseados em teorias, e eu o recomendo porque ele usa a literatura indutivamente.

A pesquisa *quantitativa*, por outro lado, inclui uma quantidade substancial de literatura no começo de um estudo para dar direção às questões ou hipóteses de pesquisa. Ao planejar um estudo quantitativo, a literatura é sempre usada no começo do estudo para apresentar um problema ou para descrever em detalhes a literatura existente em uma seção intitulada "literatura relacionada" ou "revisão de literatura", ou algo similar. Além disso, a literatura é incluída no final de um estudo, de forma que o pesquisador possa comparar os resultados do estudo com os resultados existentes na literatura. Nesse modelo, o pesquisador quantitativo usa a literatura dequtivamente como uma estrutura para questões ou hipóteses de pesquisa.

Uma seção separada sobre "revisão de literatura" merece menção especial porque é uma forma popular de colocar a literatura em um estudo. Essa revisão de literatura pode assumir várias formas diferentes, e há pouco consenso sobre uma forma preferida. Cooper (1984) sugere que a revisão de literatura pode ser *integradora*, com os pesquisadores resumindo temas amplos na literatura. Esse modelo é popular em propostas de dissertações e teses. Uma segunda forma recomendada por Cooper é uma revisão *teórica*, na qual os pesquisadores concentram-se na teoria existente relacionada ao problema em estudo. Essa forma aparece em artigos de periódicos nos quais o autor integra a teoria no início do estudo. A forma final sugerida por Cooper é uma revisão *metodológica*, na qual o pesquisador concentra-se



em métodos e definições. Essas revisões podem garantir não apenas um resumo dos estudos, mas também avaliações concretas dos pontos fortes e fracos das seções de métodos. Alguns autores usam essa forma em teses e em seções de "revisão de literatura relacionada" nos artigos de periódicos.

Em um estudo de *métodos mistos*, o pesquisador usa uma técnica qualitativa ou quantitativa para a literatura, dependendo do tipo de projeto de métodos mistos que está sendo usado. Em um projeto sequencial, a literatura é apresentada em cada fase de forma consistente com o tipo de projeto usado naquela fase. Por exemplo, se o estudo começa com uma fase quantitativa, então o investigador tende a incluir uma revisão substancial de literatura, a qual ajuda a estabelecer uma base para as questões ou hipóteses de pesquisa. Se o estudo começa com uma fase qualitativa, então a literatura é substancialmente menor, e o pesquisador pode incorporá-la mais no final do estudo – uma técnica indutiva para o uso de literatura. Se o pesquisador avançar em um estudo simultâneo com igual peso e ênfase nos dados qualitativos e quantitativos, então a literatura pode assumir forma qualitativa ou quantitativa. Afinal, a técnica para uso de literatura em um projeto de métodos mistos vai depender do tipo de estratégia e do peso relativo dado à pesquisa qualitativa ou quantitativa no estudo.

Então, minhas sugestões para planejar o uso da literatura em um estudo qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos são as seguintes:

- Em um estudo *qualitativo*, use a literatura moderadamente no começo do plano para comunicar um projeto indutivo, a não ser que a estratégia tipo qualitativa exija uma orientação substancial de literatura desde o começo.
- Considere o local mais apropriado para a literatura em um estudo *qualitativo* e baseie a decisão no público do projeto. Lembre-se de que pode colocá-la no começo para "estruturar" o problema, colocá-la em uma seção separada e usá-la no final do estudo para comparar e contrastar com os resultados do estudo que está sendo feito.
- Use a literatura em um estudo *quantitativo* dedutivamente, como base para sugerir questões ou hipóteses de pesquisa.
- Use a literatura para introduzir o estudo, descrever a literatura relacionada em uma seção separada ou comparar a literatura existente com resultados, em um plano de estudo *quantitativo*.
- Se for usada uma "revisão de literatura" separada, avalie se essa revisão vai consistir de sumários integradores, revisões teóricas ou revisões metodológicas. Uma prática típica na redação de pesquisa é representar uma revisão integradora.
- Em um estudo de *métodos mistos*, use a literatura de forma consistente com o principal tipo de estratégia e a técnica – qualitativa ou quantitativa – dominante no projeto.

## Técnicas de projeto

Independentemente de usar a literatura em um estudo qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos, existem vários passos úteis para conduzir uma revisão de literatura.

### Passos para conduzir uma revisão de literatura

Uma revisão de literatura para uma proposta ou para um estudo de pesquisa significa localizar e sumarizar estudos sobre o tópico. Geralmente esses sumários são estudos de pesquisa (porque você está conduzindo um estudo de pesquisa), mas também podem incluir artigos conceituais ou peças de raciocínio que fornecem estruturas para analisar os tópicos. Não há um modo único de conduzir uma revisão de literatura, mas muitos acadêmicos fazem isso de forma sistemática para apreender, avaliar e sumarizar a literatura.

**Passo 1** Comece identificando as palavras-chave úteis para localizar materiais na biblioteca de uma faculdade ou universidade. Essas palavras-chave podem surgir na identificação do tópico ou resultar de leituras preliminares na biblioteca.

**Passo 2** Com essas palavras-chave em mente, vá à biblioteca e comece a pesquisar o catálogo em busca de títulos (por exemplo, periódicos e livros). A maioria das grandes bibliotecas tem banco de dados computadorizados de seus títulos. Sugiro concentrar-se inicialmente em periódicos e livros relacionados ao tópico. Além disso, sugiro começar a pesquisar em bancos de dados geralmente revisados por pesquisadores de ciências sociais, como ERIC, PsycINFO, Sociofile e Social Science Citation Index (mais tarde falaremos sobre isso com mais detalhes). Esses bancos de dados estão disponíveis *on-line* usando o Web site das bibliotecas, ou são encontrados em CD-ROM em bibliotecas.

**Passo 3** Eu tentaria inicialmente localizar cerca de 50 relatórios de pesquisa em artigos ou livros relacionados à pesquisa do meu tópico. Estabeleceria uma prioridade na busca de arti-

gos de periódicos e livros porque eles são fáceis de localizar e obter. Verificaria se esses artigos e livros existem na biblioteca da universidade, ou se teria que tomá-los emprestado em outra biblioteca, ou comprá-los em livrarias.

**Passo 4** Usando esse grupo inicial de artigos, eu então analisaria os artigos e faria cópia daqueles que são fundamentais para meu tópico. No processo de seleção, eu olharia além do sumário e leria superficialmente o artigo ou o capítulo. Durante todo o processo, eu tentaria apenas descobrir se o artigo ou o capítulo vai trazer uma contribuição útil para meu entendimento da literatura.

**Passo 5** À medida que identifico a literatura útil, começo a desenhar meu mapa de literatura, um quadro visual da literatura de pesquisa sobre meu tópico. Existem diversas possibilidades para desenhar tal mapa (serão discutidas posteriormente). Esse quadro resulta em um mecanismo de organização útil para posicionar meu próprio estudo dentro de um escopo mais amplo de literatura sobre um tópico.

**Passo 6** Ao mesmo tempo em que estou organizando a literatura em meu mapa de literatura, também começo a preparar resumos dos artigos mais relevantes. Esses resumos vão ser acrescentados à revisão final de literatura que escrevo para minha proposta ou para meu estudo de pesquisa. Além disso, incluo referências precisas à literatura usando um estilo apropriado, como aquele que faz parte do manual de estilo da American Psychological Association (American Psychological Association, 2001)\*, de forma que eu tenha uma referência completa para usar no final de minha proposta ou de meu estudo.

**Passo 7** Depois de sumarizar a literatura, eu monto a revisão de literatura, na qual estruturo a literatura por tema ou organizo-a por ordem de conceitos importantes abordados em meu estudo. Eu terminaria minha revisão de literatura com um resumo dos principais temas encontrados na lite-

\* N. de R. T.: No Brasil, além das normas da APA, publicadas pela Artmed, utilizam-se as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

ratura e sugerindo que precisamos pesquisar mais sobre o tópico de acordo com as linhas de meu estudo proposto.

Para trabalhar com os principais pontos desse processo de sete passos, vamos primeiro considerar técnicas úteis para acessar a literatura rapidamente através dos bancos de dados.

## Bancos de dados computadorizados

A recuperação de informações tornou-se a próxima fronteira do desenvolvimento científico para pesquisadores de ciências sociais e humanas. Usando ferramentas de busca, os pesquisadores podem localizar literatura *on-line* para uma revisão. Além disso, os títulos de uma biblioteca podem ser examinados rapidamente usando o sistema de catálogo *on-line* computadorizado. Um levantamento de bibliotecas de universidades reportou que 98% de 119 bibliotecas de pesquisas acadêmicas têm registros bibliográficos de livros e periódicos *on-line* (Krol, 1993). Usando a internet, o catálogo de títulos das bibliotecas nos Estados Unidos também está disponível – um exemplo poderia ser o sistema CARL (Colorado Association of Research Libraries) no Colorado, o qual possui um vasto leque de textos *on-line*, índices de modelos de programas escolares, resenhas de livros *on-line*, fatos sobre a região metropolitana de Denver e um banco de dados sobre educação ambiental (Kroll, 1993).

Os bancos de dados hoje disponíveis nas bibliotecas garantem uma oportunidade para os pesquisadores acessarem centenas de periódicos, trabalhos de conferência e outros materiais rapidamente. Diversos bancos de dados formam a caixa de ferramentas de recursos para o pesquisador de ciência social hoje em dia.

O sistema ERIC (Educational Resources Information Center) está disponível em CD-ROM e *on-line* (ver [www.acesseric.org](http://www.acesseric.org)). Esse banco de dados dá acesso a quase um milhão de extratos de documentos e artigos de periódicos sobre pesquisa e prática educacional. O ERIC contém duas partes: CIJE, o *Current Index to Journals in Education* (Educational Resources Information Center, 1969) e RIE, *Resources in Education* (Educational Resources Information Center, 1975). Para uma melhor utilização do ERIC, é importante identificar “descritores” apropriados para o tópico. Os pesquisadores podem fazer uma busca em um dicionário de termos usando o ERIC *Thesaurus* (Educational Resources Information Center, 1975). Porém, uma busca aleatória de descritores no *Thesaurus* pode exigir muito tempo e ser em vão. Alternativamente, você pode usar o seguinte procedimento:

1. Olhar o índice por assunto encontrado no verso de cada CIJE ou RIE ou fazer uma busca computadorizada no sistema ERIC usando palavras-cha-

ve que sejam relacionadas a seu tópico. Procure um estudo de pesquisa que seja o mais similar possível ao seu projeto.

2. Quando encontrar um estudo, examine os descritores usados para aquele artigo. Selecione os principais descritores usados para descrever o artigo (ver os termos descritores no sumário).
3. Use esses descritores principais em sua busca computadorizada. Dessa forma, você utiliza os descritores que as pessoas na ERIC Clearinghouse já usaram para catalogar artigos para o sistema ERIC. Isso, por sua vez, maximiza a possibilidade de localizar artigos relevantes para o estudo planejado.

O *Social Sciences Citation Index* (Instituto for Scientific Information, 1969) também está disponível em CD-ROM e existe em muitas bibliotecas de universidades. O SSCI cobre cerca de 5.700 periódicos que representam literalmente todas as disciplinas de ciências sociais. Ele pode ser usado para localizar artigos e autores que conduziram pesquisa sobre um tópico. É especialmente útil para localizar estudos que fizeram referência a um estudo importante. O SSCI permite que você acompanhe todos os estudos desde a publicação do principal estudo citado no trabalho. Usando esse sistema, você pode desenvolver uma lista cronológica de referências que documentam a evolução histórica de uma idéia ou de um estudo.

Outro banco de dados em CD-ROM é o *Dissertation Abstracts International* (University Microfilms, 1938). Esse banco de dados contém extratos de teses de doutorado submetidas por quase 500 instituições participantes em todo o mundo. Em uma revisão completa de literatura para uma tese, identifique todas as referências, incluindo teses, na pesquisa. Procure algumas poucas boas teses de instituições respeitadas que abordem um tópico que esteja o mais próximo possível do seu tópico de estudo.

A fim de localizar pesquisa sobre sociologia ou sobre tópicos que abordem conceitos sociológicos, procure no *Sociological Abstracts* (1953), disponível em CD-ROM, intitulado Sociofile. O *Sociological Abstracts* é disponibilizado pelo Cambridge Scientific Abstracts (ver o web site em <http://infoshare1.princeton.edu:2003/databases/about/tips/html/sociofile.html>). Esse banco de dados contém sumários de artigos de mais de 2.500 periódicos, além de revisões e sumários de livros para teses e livros. Para estudos psicológicos, por exemplo, examine PsycINFO (ver [www.apa.org/psyinfo/about/](http://www.apa.org/psyinfo/about/)), o guia do *Psychological Abstracts* (1927). Esse banco de dados indexa mais de 850 periódicos sob 16 diferentes categorias de informações. Está disponível em bibliotecas de universidades em formato de CD-ROM e em uma versão no Web site.

Em resumo, recomendo o seguinte:

- Use recursos computadorizados disponíveis na biblioteca de sua universidade, como versões em CD-ROM ou em Web site para acessar literatura sobre seu tópico.
- Acesse bancos de dados múltiplos para conduzir uma revisão completa da literatura. Pesquise em bancos de dados como ERIC, SSCI, PsycINFO, Sociofile e *Dissertation Abstracts International*.

## Uma prioridade de recursos na literatura

Recomendo que os pesquisadores estabeleçam uma prioridade na busca de literatura. Que tipos de literatura podem ser revisados e com que prioridade? Considere o seguinte:

1. Especialmente se você estiver examinando um tópico pela primeira vez e não estiver a par de pesquisas sobre ele, comece com uma síntese ampla da literatura, como as visões gerais encontradas em enciclopédias (por exemplo, Aikin, 1992; Keeves, 1988). Você também pode procurar resumos de literatura sobre seu tópico apresentados em artigos de periódicos ou séries de sumários (por exemplo, *Annual Review of Psychology*, 1950).
2. Depois, procure artigos em periódicos nacionais respeitados, especialmente aqueles que reportam estudos de pesquisa. Por *pesquisa* quero dizer que autor ou autores apresentam uma questão ou uma hipótese, coletam dados e tentam responder à pergunta ou apoiar a hipótese. Comece com estudos mais recentes sobre o tópico e depois regreda no tempo. Nesses artigos de periódicos, acompanhe as referências ao final de cada artigo em busca de mais fontes para examinar.
3. Procure livros relacionados ao tópico. Comece com monografias de pesquisa que sumarizem a literatura acadêmica, depois considere livros completos que falem de um único assunto ou contenham capítulos escritos por diferentes autores.
4. Continue essa pesquisa procurando trabalhos de conferências recentes sobre o tópico. Geralmente os documentos de conferências reportam os últimos desenvolvimentos em pesquisa. Procure as grandes conferências nacionais e os documentos nelas distribuídos. A maioria das grandes conferências exige ou solicita que os autores submetam seus trabalhos para inclusão em índices computadorizados. Faça contato com os autores dos estudos. Procure-os nas conferências. Escreva ou telefone para eles perguntando se conhecem estudos relacionados ao estudo proposto e indague se eles têm um instrumento que possa ser usado ou modificado para uso em seu estudo.

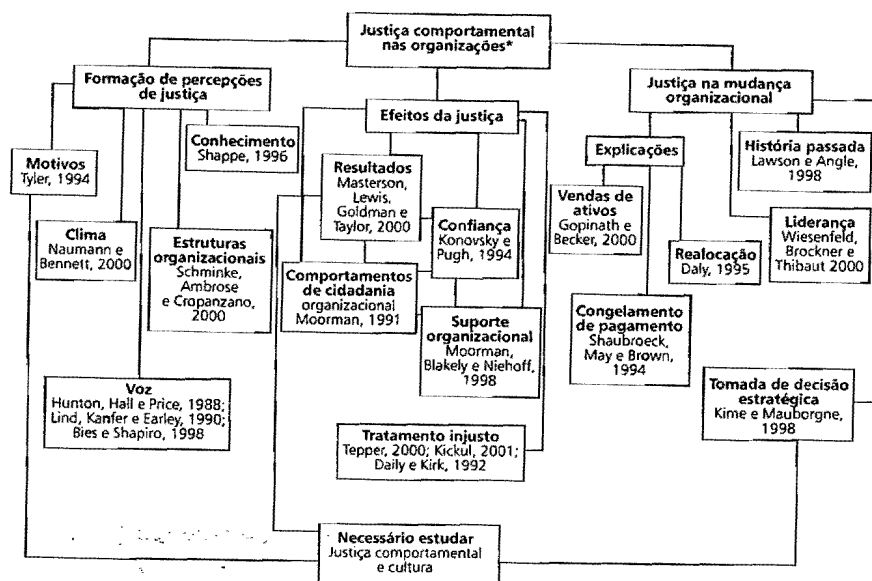


Figura 2.1 Um mapa de literatura.

FONTE: De Janovec (2001). Reimpresso com permissão de Terese Janovec.

\*Preocupações dos funcionários quanto à tomada de decisões gerenciais e sua justiça.

5. Se o tempo permitir, olhe os sumários de teses em *Dissertation Abstracts International* (University Microfilms 1938). As teses variam imensamente em qualidade e é preciso ser seletivo ao examinar esses estudos. Uma busca nos *Abstracts* pode resultar em uma ou duas teses relevantes. Uma vez que você identifique essas teses, solicite cópia delas através de empréstimo entre bibliotecas ou através da University of Michigan Microfilms Library.

Coloquei os artigos de periódicos em primeiro lugar na lista porque são mais fáceis de localizar e copiar. Eles também reportam a “pesquisa” sobre um tópico. As teses são listadas por último porque variam consideravelmente em qualidade e são o material mais difícil de localizar e reproduzir.

Artigos em Web sites e estudos de pesquisa também são materiais úteis. O acesso fácil e a possibilidade de capturar artigos inteiros torna essas fontes de material atraentes. Porém, esses artigos podem não ter sido avaliados e filtrados por revisores, e é preciso ser cuidadoso ao considerar se eles representam uma pesquisa rigorosa, séria e sistemática para uso em uma revisão de literatura. Periódicos *on-line*, que estão se tornando mais populares, sempre incluem artigos que foram

examinados com base em padrões de qualidade, e os pesquisadores podem conferir se o periódico tem uma junta de revisão referida que tenha publicado padrões de qualidade usados na aceitação de artigos para publicação.

## Um mapa de literatura da pesquisa

Uma das primeiras tarefas de um pesquisador trabalhando com um novo tópico é organizar a literatura sobre o tópico. Isso permite ao pesquisador entender como seu estudo agrega, amplia ou reproduz uma pesquisa já completada.

Uma ferramenta útil para essa tarefa é um mapa de literatura da pesquisa sobre um tópico. Esse mapa é um sumário visual da pesquisa conduzida por outras pessoas e geralmente é representado por uma figura. Os mapas de literatura são organizados de diferentes maneiras. Uma delas é uma estrutura hierárquica, com uma apresentação da literatura de cima para baixo, terminando embaixo com um estudo proposto que vai ampliar a literatura. Outra pode ser similar a um fluxograma no qual o leitor compreende a literatura se desdobrando da esquerda para a direita, com os estudos pendendo mais para a direita, antecipando um estudo proposto que agrega à literatura. Um terceiro modelo pode ser composto de círculos, com cada círculo representando um bloco de literatura e a interseção dos círculos indicando o local em que é necessário fazer pesquisa futura. Já vi exemplos preparados pelos estudantes com todas essas possibilidades.

A idéia central é que o pesquisador comece a construir um quadro visual da pesquisa existente sobre um tópico. Esse mapa de literatura apresenta uma visão geral da literatura existente. Isso ajuda outras pessoas – como um comitê de tese ou dissertação de mestrado, um grupo de participantes reunidos em uma conferência ou revisores de periódicos – a visualizar como o estudo se relaciona à literatura mais ampla sobre o assunto.

Para ilustrar um mapa de literatura e o processo envolvido na geração de um mapa, mostrarei primeiro um mapa completo e depois discutirei algumas diretrizes gerais para elaborá-lo esse mapa. Veja a Figura 2.1, que mostra a literatura encontrada sobre o tópico de justiça comportamental nas organizações (Janovec, 2001). O mapa de Janovec ilustra um projeto hierárquico para o mapa. Ela usou diversos princípios de um bom projeto de mapa.

- Ela colocou o tópico da revisão de literatura na caixa que fica no topo da estrutura hierárquica.
- Depois ela tomou os estudos que encontrou em pesquisas no computador, localizou cópias desses estudos e organizou-os em três subtópicos amplos (ou seja, formação de percepções de justiça, efeitos de justiça e justiça na mudança organizacional). Para outro mapa, o pesquisador pode ter mais ou menos do que quatro categorias principais, dependendo do número de publicações sobre o assunto.

- Dentro de cada caixa estão rótulos que descrevem a natureza dos estudos na caixa (por exemplo “resultados”).
- Além disso, dentro de cada caixa existem referências às principais citações que ilustram o seu conteúdo. É importante usar referências atuais e ilustrativas em relação ao tópico da caixa e declarar brevemente as referências em um estilo apropriado para uma referência dentro do texto (por exemplo, Smith, xxxx).
- Considere diversos níveis para o mapa de literatura. Em outras palavras, grandes tópicos geram subtópicos e depois outros subtópicos.
- Alguns ramos do gráfico são mais desenvolvidos do que outros. Essa profundidade vai depender da quantidade de literatura disponível e da profundidade da exploração da literatura feita pelo pesquisador.
- Depois de organizar a literatura em um diagrama, Janovec considerou os ramos da figura que eram um trampolim para o estudo que ela propunha. Ela colocou uma caixa “necessário estudar” (ou “estudo proposto”) na parte de baixo do mapa, identificou brevemente a natureza deste estudo proposto (“justiça comportamental e cultura”) e desenhou linhas para a literatura passada que seu projeto iria ampliar. Ela propôs esse estudo com base em idéias sugeridas por outros autores nas seções “pesquisa futura” de seus estudos.

## Resumir estudos

Ao rever o conteúdo de estudos de pesquisa, os pesquisadores registram as informações essenciais para uma revisão da literatura. Nesse processo, os pesquisadores precisam considerar que material extrair de um estudo de pesquisa e sumarizar esse material em uma seção “revisão de literatura relacionada”. Essa informação é importante ao revisar dezenas, se não centenas, de estudos. Um bom resumo de revisão de literatura de um artigo de pesquisa reportado em um periódico deve incluir os seguintes pontos:

- mencionar o problema a ser abordado;
- declarar o objetivo central ou o foco do estudo;
- declarar resumidamente informações sobre amostra, população ou participantes;
- rever os principais resultados relacionados ao estudo;
- se for uma revisão metodológica (Cooper, 1984), destacar falhas técnicas e metodológicas no estudo.

Ao examinar um artigo para desenvolver um resumo, há locais específicos para procurar essas partes nos estudos de pesquisa. Em artigos de periódicos

bem-elaborados, o problema e as declarações de objetivo são encontrados e claramente declarados na introdução do artigo. Informações sobre amostra, população ou participantes são encontradas no meio do artigo em uma seção de métodos (ou procedimentos), e os resultados são sempre reportados no final do artigo. Nas seções de resultados, procure por passagens nas quais os pesquisadores reportem informações para responder ou abordar cada questão ou hipótese de pesquisa. Para estudos de pesquisa com extensão de livro, procure os mesmos pontos. Considere o seguinte exemplo:

### Exemplo 2.1 Revisão de um estudo quantitativo

Neste exemplo, vou apresentar um parágrafo sumarizando os principais componentes de um estudo quantitativo (Creswell, Seagren e Henry, 1979), de forma muito parecida com a que o parágrafo deve aparecer na seção de “revisão da literatura” de uma tese ou artigo de periódico. Nesta passagem, escolhi os principais componentes a serem sumarizados.

Creswell, Seagren e Henry (1979) testaram o modelo Biglan, um modelo tridimensional agrupando 36 áreas acadêmicas em áreas difíceis ou fáceis, puras ou aplicadas, relacionadas ou não-relacionadas à vida, como um previsor das necessidades de desenvolvimento profissional de diretores. Oitenta diretores de departamento localizados em quatro faculdades estaduais e uma universidade de um Estado do Meio-Oeste participaram do estudo. Os resultados mostraram que os diretores em diferentes áreas acadêmicas diferiam em termos de suas necessidades de desenvolvimento profissional. Com base nos resultados, os autores recomendaram que aqueles que desenvolvem programas de serviço precisam considerar as diferenças entre as disciplinas quando planejam os programas.

Comecei com uma referência “no texto” de acordo com o formato do manual de estilo da American Psychological Association, *Publication Manual of the American Psychological Association* (American Psychological Association, 2001). Depois, revi o objetivo central do estudo. Continuei a revisão com informações sobre a coleta de dados. Finalizei declarando os principais resultados do estudo e apresentando as implicações práticas desses resultados.

Como se resume estudos que não são estudos de pesquisa – ensaios, opiniões, tipologias e sínteses de pesquisa passada? Ao resumir esses estudos não-empíricos, o pesquisador deve:

- mencionar o problema a ser abordado pelo artigo ou pelo livro;
- identificar o tema central do estudo;

- declarar as principais conclusões relacionadas ao tema;
- mencionar falhas em raciocínio, lógica, força do argumento, etc., se a revisão for do tipo metodológica.

Considere o exemplo seguinte, o qual ilustra a inclusão desses aspectos.

### Exemplo 2.2 Revisão de um estudo sugerindo uma tipologia

Sudduth (1992) completou uma tese quantitativa em ciência política sobre o uso da adaptação estratégica em hospitais rurais. Ele revisou a literatura em diversos capítulos no começo do estudo. Em um exemplo de sumarização de um estudo simples sugerindo uma tipologia, Sudduth resumizou o problema, o tema e a tipologia.

Ginter, Duncan, Richardson e Swayne (1991) reconhecem o impacto do ambiente externo na capacidade de um hospital de se adaptar à mudança. Eles defendem um processo que denominam análise ambiental, que permite à organização determinar estrategicamente as melhores respostas à mudança que ocorre no ambiente. Porém, depois de examinar as técnicas múltiplas usadas para análise ambiental, parece que não foi desenvolvido nenhum esquema conceitual amplo ou modelo computadorizado para garantir uma análise completa de questões ambientais (Ginter et al., 1991). O resultado é uma parte essencial da mudança estratégica que se baseia muito em processos de avaliação não-quantificáveis e de julgamento. Para auxiliar o diretor de hospital a avaliar cuidadosamente o ambiente externo, Ginter e colaboradores (1991) desenvolveram a tipologia mostrada na Figura 2.1 (p. 44).

## Manuais de estilo

Um princípio básico na revisão da literatura é usar um estilo de referência apropriado e consistente. Ao identificar uma referência útil para uma revisão de literatura, faça uma referência completa à fonte usando um estilo apropriado. Para propostas de tese, alunos de doutorado devem buscar orientação de acadêmicos, membros de comitês de tese ou funcionários de departamento ou faculdades sobre o manual de estilo apropriado a ser usado para referências de citação.

O *Publication Manual of the American Psychological Association* (5ª ed.) (American Psychological Association, 2001) é amplamente utilizado nos campos de educação e psicologia. O manual da University of Chicago (*A Manual of Style*, 1982), Turabian (Turabian, 1973) e Campbell e Ballou (1977) também são muito utilizados nas ciências sociais. Alguns periódicos até desenvolveram suas próprias variações de estí-

los populares. Recomendo adotar um manual de estilo no início do processo de planejamento e identificar um que seja aceitável para seu público-alvo.

As considerações mais importantes em relação ao manual de estilo envolvem o uso de citações no texto, referências no final do texto, cabeçalhos, figuras e tabelas. Seguem algumas sugestões para escrever academicamente usando o manual de estilo.

- Ao usar *citações no texto*, lembre-se da forma apropriada para os tipos de citação e preste muita atenção ao formato das citações múltiplas.
- Ao usar *referências no final do texto*, observe se o manual de estilo pede que elas sejam em ordem alfabética ou numeradas. Além disso, certifique-se de que toda citação dentro do texto seja acompanhada de uma referência no final dele.
- Os *cabeçalhos* são ordenados, em um trabalho acadêmico, em termos de níveis. Primeiro observe quantos níveis de cabeçalho você terá em seu estudo de pesquisa. Depois, consulte o manual de estilo para ver o formato apropriado para cada nível que você vai usar. Geralmente, os relatórios de pesquisa contêm entre dois e quatro níveis de cabeçalho.
- Se usar *notas de rodapé*, consulte o manual de estilo para colocá-las no local apropriado. As notas de rodapé são menos utilizadas hoje nos trabalhos acadêmicos do que eram há poucos anos. Se incluí-las, observe se elas ficam no final da página ou no final do trabalho.
- *Tabelas e figuras* têm uma forma específica em cada manual de estilo. Observe aspectos como linhas em negrito, títulos e espaçamento nos exemplos mostrados no manual de estilo.

Em resumo, o aspecto mais importante ao usar um manual de estilo é ser consistente no método em todo o trabalho.

## Um modelo para redigir a revisão de literatura

Ao compor uma revisão de literatura, é difícil determinar o quanto dela será revisado. Para resolver esse problema, desenvolvi um modelo que fornece parâmetros para a revisão de literatura, especialmente como ela dever ser elaborada para um estudo quantitativo ou de métodos mistos que empregue uma seção padronizada de revisão de literatura. Para um estudo qualitativo, a revisão de literatura deve explorar aspectos do fenômeno central que está sendo abordado e deve ser dividida em tópicos.

Para uma revisão quantitativa ou de métodos mistos, faça uma revisão de literatura que contenha seções sobre a literatura relacionada às principais variáveis independentes, principais variáveis dependentes e estudos que relacionem as va-

riáveis independentes e dependentes (no Capítulo 4 haverá mais material sobre variáveis). Esse método parece apropriado para dissertações e para conceitualizar a literatura a ser introduzida em um artigo de jornal. Considere uma revisão de literatura (em uma dissertação ou proposta) formada por cinco componentes: uma introdução, tópico 1 (sobre a variável independente), tópico 2 (sobre a variável dependente), tópico 3 (estudos que abordem as variáveis independente e dependente) e um resumo. Abaixo há mais detalhes sobre cada seção:

1. *Apresente a seção* explicando ao leitor as seções incluídas na revisão de literatura. Essa passagem é uma declaração sobre a organização da seção.
2. *Reveja o tópico 1*, que aborda a literatura acadêmica sobre *variável ou variáveis independentes*. Com diversas variáveis independentes, considere subseções, ou concentre-se na variável mais importante. Lembre-se de abordar apenas a literatura relacionada à variável independente; mantenha a literatura sobre as variáveis independente e dependente separada neste modelo.
3. *Reveja o tópico 2*, que incorpora a literatura acadêmica sobre *variável ou variáveis dependentes*. Com variáveis dependentes múltiplas, redija subseções sobre cada variável, ou concentre-se em uma única variável dependente importante.
4. *Reveja o tópico 3*, que inclui a literatura acadêmica que relaciona a *variável(is) independente(s) à variável(is) dependente(s)*. Aqui temos um ponto crucial do estudo proposto. Assim, essa seção deve ser relativamente curta e conter estudos que sejam estreitamente relacionados ao tópico do estudo proposto. Talvez não tenha sido escrito nada sobre o tópico. Construa uma seção que seja o mais próxima possível do tópico, ou reveja estudos que abordem o tópico em um nível mais geral.
5. *Faça um sumário* da revisão que destaque os estudos mais importantes, apreenda os principais temas da revisão e sugira por que precisamos de mais pesquisa sobre o tópico.

Esse modelo concentra-se na revisão de literatura, relacionando-a estreitamente às variáveis nas questões e hipóteses de pesquisa, e limita suficientemente o estudo. Torna-se um ponto de partida lógico para a seção de método.

## Resumo

Antes de pesquisar a literatura, identifique seu tópico usando estratégias, como redigir um título funcional ou declarar a questão central a ser abordada. Considere também se esse tópico pode e deve ser pesquisado ao rever se há acesso aos

participantes e aos recursos e se o tópico vai acrescentar algo ao conhecimento da ciência social, se será de interesse para outras pessoas e se será consistente com as metas pessoais.

Os pesquisadores usam a literatura acadêmica em um estudo para apresentar resultados de estudos similares, para relacionar o estudo presente ao diálogo corrente na literatura e para fornecer uma estrutura para comparar resultados de um estudo com outros. Para projetos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos, a literatura tem diferentes propósitos. Na pesquisa qualitativa, a literatura ajuda a substanciar o problema de pesquisa, mas não reprime as visões dos participantes. Uma técnica popular é incluir mais literatura no final de um estudo qualitativo do que no começo. Na pesquisa quantitativa, a literatura não apenas ajuda a substanciar o problema, mas também sugere possíveis questões ou hipóteses que precisam ser abordadas. Os estudos quantitativos geralmente possuem uma seção separada de "revisão de literatura". Em pesquisa de métodos mistos, o uso da literatura vai depender do tipo de estratégia de investigação e do peso dado à pesquisa qualitativa ou quantitativa no estudo.

Ao conduzir uma revisão de literatura, identifique as palavras-chave para pesquisar a literatura, depois pesquise os recursos da biblioteca, utilizando os bancos de dados computadorizados na biblioteca e campos de estudo, como ERIC, PsycINFO, Sociofile e Social Science Citation Index. Depois localize artigos ou livros baseados em uma prioridade de busca, primeiro por artigos de periódicos e depois livros. Identifique referências que possam contribuir para sua revisão de literatura. Agrupe esses estudos em um mapa de literatura que mostre as principais categorias de estudos e posicione seu estudo proposto dentro dessas categorias. Comece redigindo sumários dos estudos, observando as referências completas segundo um manual de estilo (por exemplo, American Psychological Association, 2001) e extraindo informações sobre a pesquisa que incluam o problema de pesquisa, as questões, a coleta e a análise de dados, e os resultados finais. Finalmente, considere a estrutura geral para organizar esses estudos. Um modelo é dividir a revisão em seções segundo as principais variáveis (uma técnica quantitativa) ou em principais subtemas do fenômeno central (uma técnica qualitativa) que está sendo estudado.

## Exercícios de redação

1. Desenvolva um mapa visual da literatura relacionada ao tópico. Inclua no mapa o estudo proposto e desenhe linhas do estudo proposto para outras categorias de estudos, de forma que o leitor possa ver facilmente como o estudo vai ampliar a literatura existente.



2. Organize uma "revisão de literatura" para um estudo quantitativo e siga o modelo para delimitar a literatura a fim de refletir as variáveis no estudo. Como alternativa, organize uma revisão de literatura para um estudo qualitativo e inclua essa revisão em uma introdução como base para o problema de pesquisa do estudo.
3. Identifique o número de níveis de cabeçalho em um artigo de periódico já publicado. Faça isso criando um destaque dos níveis utilizando um formato APA (5ª ed.) apropriado.
4. Faça uma pesquisa ERIC sobre um tópico, identificando os principais termos, combinando-os e usando o Web site [www.access-eric.org](http://www.access-eric.org). Como extensão desse exercício, selecione um dos resultados da busca que esteja próximo ao tipo de literatura que está sendo procurado, observe os descritores usados e refaça a pesquisa ERIC para obter títulos mais relacionados à revisão de literatura.

### Leituras adicionais

Locke, L. F., Spirduso, W. W. e Silvermann, S. J. (2000). *Proposals that work: A guide for planning dissertations and grant proposals* (4ª ed.), Thousand Oaks, CA: Sage.

Lawrence Lock, Waneen Spirduso e Stephen Silverman descrevem 15 passos no processo de desenvolvimento de uma revisão de literatura. Esses 15 passos envolvem três estágios: desenvolver os conceitos que fornecem a base para o estudo, desenvolver os subtópicos para cada conceito principal e acrescentar as referências mais importantes que embasam cada subtópico. Esses passos envolvem estágios como identificar os conceitos que fornecem a base para o estudo, selecionar os subtópicos para cada conceito principal e acrescentar as referências mais importantes que sustentam cada subtópico. Eles também garantem uma "visão geral diagramada da literatura associada" como um modelo para visualizar a literatura.

Merriam, S. B. (1998). *Qualitative research and case study applications in education*, San Francisco: Jossey-Bass.

Sharan Merriam proporciona uma discussão ampla sobre o uso da literatura nos estudos qualitativos. Ela identifica passos para rever a literatura e propõe critérios para selecionar referências. Esses critérios incluem verificar se o autor é uma autoridade no assunto, quando o trabalho foi publicado, se o recurso é relevante para o tópico de pesquisa proposto e a qualidade do re-

curso. Merriam sugere ainda que a revisão de literatura não é um processo linear composto de ler a literatura, identificar a estrutura teórica e depois redigir a declaração do problema. Ao contrário, o processo constitui-se de uma grande interação entre esses passos.

Punch, K. F. (1998). *Introduction to social research: Quantitative and qualitative approaches*, Londres: Sage.

Keith Punch fornece um guia para a pesquisa social que aborda igualmente as técnicas quantitativas e qualitativas. Ele conceitualiza as principais diferenças entre as duas técnicas de várias formas. Ao redigir uma revisão de literatura, Punch observa que o ponto a se concentrar na literatura varia nos diferentes estilos de pesquisa. Fatores que afetam quando se concentrar na literatura vão depender do estilo da pesquisa, da estratégia geral de pesquisa e de como o estudo vai abordar as linhas na literatura.

# Capítulo 3

## Estratégias de Redação e Considerações Éticas

**A**ntes de preparar uma proposta, é importante considerar como redigi-la. Essas considerações devem incluir os tópicos que vão transmitir o melhor argumento para a necessidade e para a qualidade do estudo. Este é o melhor momento para adotar práticas de redação que assegurem uma proposta (e um projeto de pesquisa) consistente e altamente legível. Também é apropriado prever as questões éticas que vão surgir durante o estudo e incorporar boas práticas na proposta de pesquisa. Este capítulo concentra-se em argumentos e tópicos a serem incluídos em uma proposta, na adoção de estratégias de redação para o processo de pesquisa e na previsão de questões éticas que podem surgir em um estudo.

### Redigir a proposta

#### Argumentos centrais

É importante considerar os tópicos que constituirão uma proposta. Todos os tópicos precisam ser inter-relacionados de maneira que formem um quadro coeso de todo o projeto proposto. Um resumo dos tópicos pode ser útil, mas os tópicos vão diferir dependendo do fato de a proposta ser para um estudo qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos. No geral, porém, há argumentos centrais que estruturam todas as propostas. Eles são apresentados como nove argumentos centrais por Maxwell (1996). Eu os apresento aqui como questões a serem abordadas em uma proposta acadêmica.

1. Do que precisamos para entender melhor esse tópico?
2. O que menos conhecemos em relação a esse tópico?

3. O que você propõe estudar?
4. Quais são o ambiente e as pessoas que você vai estudar?
5. Que métodos você planeja usar para gerar dados?
6. Como você vai analisar os dados?
7. Como você vai validar seus resultados?
8. Que questões éticas seu estudo vai apresentar?
9. O que os resultados preliminares mostram sobre viabilidade e valor do estudo proposto?

Essas nove questões, se adequadamente abordadas em uma seção para cada pergunta, constituem a base para uma boa pesquisa e podem fornecer a estrutura geral para uma proposta. A inclusão de validação de resultados, considerações éticas (a serem mencionadas resumidamente), a necessidade de resultados preliminares e a evidência inicial da importância prática do estudo proposto focam a atenção do leitor nos principais elementos muitas vezes ignorados nas discussões sobre projetos propostos.

### Roteiro para uma proposta qualitativa

Além dessas nove questões, é sempre útil conceitualizar em mais detalhes os tópicos incluídos na proposta. O conhecimento desses tópicos é útil no começo do desenvolvimento da proposta, de forma que você possa conceitualizar todo o processo.

Não existe um roteiro comumente aceito para uma proposta qualitativa, embora autores como Berg (2001), Marshall e Rossman (1999) e Maxwell (1996) apresentem recomendações para os tópicos. Uma característica fundamental deveria ser a de que o projeto seja consistente com as alegações de conhecimento construtivistas/interpretativas e reivindicatórias/participatórias, como mencionado no Capítulo 1. Com a pesquisa qualitativa agora representada por estratégias distintas de investigação, a proposta também deve conter o tipo de investigação que está sendo usado, assim como procedimentos detalhados para coleta e análise de dados.

À luz desses pontos, proponho dois roteiros alternativos. O Exemplo 3.1 é baseado em uma perspectiva construtivista/interpretativa, enquanto o Exemplo 3.2 é mais baseado em um roteiro reivindicatório/participatório de pesquisa qualitativa.

#### Exemplo 3.1 Um roteiro qualitativo construtivista/interpretativista

##### Introdução

Descrição do problema (incluindo literatura existente sobre o problema)

As questões de pesquisa

---

- Delimitações e limitações
- Procedimentos
  - Características da pesquisa qualitativa (opcional)
  - Estratégia da pesquisa qualitativa
  - Papel do pesquisador
  - Procedimentos de coleta de dados
  - Procedimentos de análise de dados
  - Estratégias para validação de resultados
  - Estrutura narrativa
- Questões éticas previstas
- Importância do estudo
- Resultados preliminares
- Resultados esperados
- Apêndices: perguntas de entrevistas, formulários observacionais, cronograma e orçamento proposto

---

Neste exemplo, o autor inclui apenas duas seções principais, a introdução e os procedimentos. Pode-se incluir uma revisão de literatura, mas ela é opcional e, como foi discutido no Capítulo 2, a literatura pode ser incluída em maior quantidade no final do estudo ou na seção de resultados esperados. Esse roteiro inclui uma seção especial sobre o papel do pesquisador no estudo. Como descrito por Marshall e Rossman (1999), essa seção vai abordar decisões sobre acesso aos participantes, ao local e à negociação de entrada para o local e/ou para os participantes. Também inclui a menção das habilidades interpessoais que o pesquisador traz para o projeto e a sensibilidade dele à reciprocidade ou ao retorno para as pessoas no estudo.

### Exemplo 3.2 *Um roteiro qualitativo reivindicatório/participatório*

---

- Introdução
  - Descrição do problema (incluindo literatura existente sobre o problema)
  - A questão reivindicatória/participatória
  - Objetivo do estudo
  - As questões de pesquisa
  - Delimitações e limitações
- Procedimentos
  - Características da pesquisa qualitativa (opcional)
  - Estratégia da pesquisa qualitativa
  - Papel do pesquisador
  - Procedimento de coleta de dados (incluindo métodos colaborativos usados com os participantes)

---

- Procedimentos para registro de dados
- Procedimentos para análise de dados
- Estratégias para validação de resultados
- Estrutura narrativa
- Questões éticas previstas
- Importância do estudo
- Resultados preliminares
- Mudanças reivindicatórias/participatórias esperadas
- Apêndices: perguntas para entrevistas, formulários observacionais, cronograma e orçamento proposto.

---

Este roteiro é similar ao do construtivismo/interpretivismo, exceto pelo fato de que o pesquisador é específico sobre a questão reivindicatória/participatória explorada no estudo (por exemplo, marginalização, delegação de poder), propõe uma forma colaborativa de coleta de dados e menciona as mudanças previstas que o estudo de pesquisa provavelmente irá gerar.

### Roteiro para uma proposta quantitativa

Para um estudo quantitativo, o formato ajusta-se a padrões facilmente identificados em artigos de periódicos e estudos de pesquisa. A forma, em geral, segue um modelo com introdução, revisão de literatura, métodos, resultados e discussão. Ao planejar um estudo quantitativo e elaborar uma proposta de tese, considere o seguinte roteiro para esboçar o plano geral:

### Exemplo 3.3 *Um roteiro quantitativo*

---

- Introdução
  - Descrição do problema
  - Objetivo do estudo
  - Perspectiva teórica
  - Questões ou hipóteses de pesquisa
  - Definição de termos
  - Delimitações e limitações
- Revisão da literatura
- Métodos
  - Tipo de projeto de pesquisa
  - Amostra, população e participantes
  - Instrumentos de coleta de dados, variáveis e materiais
  - Procedimentos de análises de dados

Questões éticas previstas no estudo  
 Estudos ou testes preliminares  
 Importância do estudo  
 Apêndices: instrumentos, cronograma e orçamento proposto

O Exemplo 3.3 é um roteiro padronizado para um estudo de ciência social, embora a ordem das seções, especialmente na introdução, possa variar de um estudo para outro (ver, para exemplo, Miller, 1991; Rudestam e Newton, 1992). Esse exemplo é um modelo útil para elaborar as seções de um plano em uma tese ou para esboçar os tópicos para um estudo acadêmico.

### Roteiro para uma proposta de métodos mistos

Em um roteiro de projeto de métodos mistos, o pesquisador reúne técnicas que estão incluídas tanto nos roteiros quantitativos como qualitativos (ver Creswell, 1999). Uma amostra de tal roteiro aparece no Exemplo 3.4.

#### Exemplo 3.4 *Um roteiro de métodos mistos*

Introdução  
 Descrição do problema  
 Objetivo do estudo (inclui declarações qualitativas e quantitativas e justificativa para métodos mistos)  
 Questões de pesquisa (inclui tanto qualitativa e quantitativa)  
 Revisão da literatura (seção separada, se quantitativa)  
 Procedimentos ou métodos  
 Características da pesquisa de métodos mistos  
 Tipo de projeto de métodos mistos (incluindo decisões envolvidas em sua escolha)  
 Modelo visual e procedimentos do projeto  
 Procedimentos de coleta de dados  
 Tipos de dados  
 Estratégia de amostragem  
 Análise de dados e procedimentos de validação  
 Estrutura de apresentação do relatório  
 Papel do pesquisador  
 Questões éticas potenciais  
 Importância do estudo  
 Resultados preliminares  
 Resultados esperados

Apêndices: instrumentos ou protocolos, destaques dos capítulos e orçamento proposto

Este roteiro mostra que o pesquisador propõe tanto a declaração de objetivo como as questões de pesquisa para componentes quantitativos e qualitativos. Além disso, é importante especificar uma justificativa para a técnica de métodos mistos no estudo. O pesquisador também identifica os principais elementos do projeto, como o tipo de estudo de métodos mistos, um quadro visual dos procedimentos e procedimentos de coleta e análise de dados tanto quantitativos como qualitativos.

### Sugestões de redação

#### A escrita como reflexão

Além do roteiro mais geral, quem elabora uma proposta precisa considerar o processo de redação envolvido na pesquisa. Uma característica de escritores inexperientes é que eles preferem discutir o estudo proposto em vez de escrever sobre ele. Todos os escritores experientes sabem que escrever é pensar e conceitualizar um tópico. Recomendo o seguinte:

- No começo do processo de pesquisa, anote as idéias em lugar de falar sobre elas. Os especialistas em redação consideram que escrever é refletir (Bailey, 1984). Zinsser (1983) discute a necessidade de tirar as palavras da mente e colocá-las no papel. Os orientadores reagem melhor quando lêem o texto impresso no papel do que quando ouvem e discutem um tópico de pesquisa com um aluno ou com um colega. Quando um pesquisador coloca idéias no papel, o leitor pode visualizar o produto final, "ver" de fato como ele fica e começar a clarear as idéias. O conceito de trabalhar as idéias no papel tem servido bem a muitos escritores experientes.
- Faça vários rascunhos no papel, em lugar de tentar polir o primeiro rascunho. É esclarecedor ver como as pessoas pensam no papel. Zinsser (1983) identificou dois tipos de escritores: o "pedreiro", que finaliza cada parágrafo antes de ir para o próximo, e o escritor "deixe ficar tudo no primeiro rascunho", que escreve o rascunho completo, não se importando se o texto parece desorganizado ou mal-escrito. No meio estaria alguém como Peter Elbow (Elbow, 1973), que recomenda que devemos usar o processo iterativo de escrever, rever e reescrever. Como exemplo, ele menciona este exercício: se tiver apenas uma hora para escrever uma passagem, faça quatro rascunhos (um a cada 15 minutos) em vez de um

único rascunho (em geral, nos últimos 15 minutos) durante a hora. Os pesquisadores mais experientes redigem com cuidado o primeiro esboço, mas não se preocupam em fazer o polimento; o polimento vem relativamente no final do processo de redação. Eu uso o modelo de três estágios de Franklin para escrever:

1. Desenvolver um esboço – pode ser um esboço de sentenças, palavras ou um mapa visual de idéias.
2. Redigir um rascunho e depois deslocar e ordenar as idéias, movendo parágrafos inteiros no manuscrito.
3. Finalmente, editar e polir cada frase.

## O hábito de escrever

Estabeleça a disciplina de escrever em bases contínuas e regulares. Deixar o manuscrito de lado por um longo período resulta em perda de concentração e esforço. O ato de escrever palavras em uma página é apenas parte de um processo mais extenso de pensamento, de coleta de informações e de revisão que compõe a produção de um manuscrito.

Escolha um período do dia para trabalhar que seja melhor para você e então use a disciplina para escrever no mesmo horário todos os dias. Escolha um local em que não haja distrações. Boice (1990, p. 77-78) oferece idéias para estabelecer bons hábitos de redação:

- Com a ajuda do princípio da prioridade, faça do ato de escrever uma atividade diária, independentemente de seu humor e da disposição para escrever.
- Se você achar que não tem tempo para redação regular, comece esquematizando suas atividades diárias por uma semana ou duas em blocos de meia hora.
- Escreva enquanto as idéias estão frescas.
- Evite escrever “em repentes”.
- Escreva em quantidades pequenas e regulares.
- Programe tarefas de redação de forma que você planeje trabalhar em unidades específicas e administráveis para redigir cada sessão.
- Mantenha gráficos diários. Anote pelo menos três coisas: (a) tempo gasto escrevendo, (b) número de páginas terminadas e (3) percentual completado da tarefa planejada.
- Planeje além das metas diárias.

- Compartilhe sua redação com amigos que lhe dêem apoio e sejam construtivos antes de considerar-se pronto para o público.
- Tente trabalhar em dois ou três projetos de redação ao mesmo tempo.

Além dessas idéias, é preciso reconhecer que redigir é um processo que se desenvolve lentamente e que um escritor deve adquirir desenvoltura para escrever. Assim como o corredor se alonga antes de uma corrida, o escritor precisa de exercícios de aquecimento tanto para a mente quanto para os dedos. Algumas atividades relaxantes de redação, como escrever uma carta para um amigo, anotar idéias no computador, ler alguma coisa bem-escrita ou estudar seu poema favorito, podem tornar mais fácil a tarefa de escrever. Lembro-me do “período de aquecimento” (p. 42) de John Steinbeck (1969), descrito em detalhes no *Journal of a Novel: The East of Eden Letters*. Steinbeck começava cada dia escrevendo uma carta para seu editor e amigo pessoal, Pascal Covici, em um grande caderno fornecido por Covici.

Outros exercícios podem ser úteis. Carroll (1990) nos dá exemplos de exercícios para melhorar o controle de um escritor sobre passagens descritivas e emotivas:

- Descreva um objeto por suas partes e dimensões, sem dizer imediatamente ao leitor o nome desse objeto.
- Transcreva uma conversa entre duas pessoas sobre qualquer assunto dramático ou intrigante.
- Escreva uma série de instruções para uma tarefa complicada.
- Escolha um tema e escreva sobre ele de três formas diferentes (Carroll, 1990, p. 113-116).

Este último exercício parece apropriado para pesquisadores qualitativos, que analisam dados em busca de códigos e temas múltiplos (ver Capítulo 10 para análise de dados qualitativos).

Considere também os implementos de escrever e a localização física que auxiliam o processo de redação disciplinada. Os implementos da redação – um computador, um bloco amarelo de tamanho ofício, uma caneta favorita, um lápis e até mesmo café e biscoitos (Wolcott, 2001) – oferecem ao escritor opções para sentir-se confortável enquanto escreve. O ambiente físico para escrever também pode ajudar. Annie Dillard, romancista ganhadora do prêmio Pulitzer, evitava locais de trabalho agradáveis:

A pessoa quer uma sala sem vista, assim a imaginação pode encontrar a memória no escuro. Quando mobiliei esse estúdio há vários anos, empurrei a escrivaninha contra uma parede vazia, de forma que eu não pudesse enxergar por nenhuma das janelas. Uma vez, há 15 anos, escrevi em uma

cela cinzenta sobre um estacionamento. De lá eu avistava um telhado de alcatrão e cascalho. Esse galpão feito sob os pinheiros não é tão bom quanto a cela cinzenta, mas vai funcionar. (Dillard, 1989, p. 26-27).

## Legibilidade do manuscrito

Antes de iniciar o processo de redigir uma proposta, pense como você vai aumentar a legibilidade dela para outras pessoas. É importante usar termos consistentes, uma representação e uma prenúncia de idéias, além de ter coerência no plano.

- Use *termos consistentes* em todo o manuscrito. Use o mesmo termo cada vez que uma variável for mencionada em um estudo quantitativo ou um fenômeno central for mencionado em um estudo qualitativo. Evite usar sinônimos para esses termos, um problema que leva o leitor a trabalhar para entender o significado das idéias e ficar atento a mudanças sutis no significado.
- Considere como “pensamentos” narrativos de diferentes tipos guiam o leitor. Esse conceito foi antecipado por Tarshis (1982), que recomendava que os escritores encenassem “pensamentos” para guiar os leitores. Esses pensamentos eram de quatro tipos:
  1. Pensamentos guarda-chuva – as idéias gerais ou básicas que a pessoa está tentando transmitir.
  2. Grandes pensamentos – idéias ou imagens específicas que se encaixam dentro do âmbito dos pensamentos guarda-chuva e atuam para reforçar, esclarecer ou elaborar os pensamentos guarda-chuva.
  3. Pensamentos pequenos – idéias ou imagens cuja principal função é reforçar os grandes pensamentos.
  4. Pensamentos de atenção ou de interesse – idéias cujos objetivos são manter o leitor na rota, organizar idéias e manter a atenção das pessoas.

Pesquisadores iniciantes, creio eu, têm mais dificuldade com “pensamentos guarda-chuva” e pensamentos de “atenção”. Um manuscrito pode incluir muitas idéias “guarda-chuva”, sem conteúdo suficientemente detalhado para servir de apoio a grandes idéias. Um sinal claro desse problema é uma passagem contínua de uma grande idéia para outra em um manuscrito. Geralmente as pessoas verão parágrafos curtos, como aqueles escritos por jornalistas em artigos de jornais. Pensar em termos de uma narrativa detalhada para dar apoio às idéias “guarda-chuva” pode ajudar a resolver esse problema. Goldberg (1986) não apenas fala sobre o poder do detalhe, mas também ilustra-o usando o exemplo do memorial do

Vietnã em Washington, D.C., onde são listados os nomes – até os nomes do meio – dos 50 mil soldados norte-americanos mortos.

A falta de pensamentos de “atenção” também atrapalha uma boa narrativa. Os leitores precisam de “placas de sinalização” para guiá-los de uma grande idéia para a seguinte (os Capítulos 5 e 6 deste livro discutem as principais placas de sinalização em pesquisa, como declarações de objetivos e questões e hipóteses de pesquisa). Os leitores precisam ver a organização geral de idéias através dos parágrafos introdutórios e precisam ser informados, em um resumo, dos pontos mais importantes que devem lembrar.

- Use *coerência* para aumentar a legibilidade do manuscrito. Ao apresentar os tópicos neste livro, eu introduzo os componentes do processo de pesquisa para apresentar um todo sistemático. Por exemplo, a repetição de variáveis no título, a declaração de objetivo, as questões de pesquisa e a revisão dos títulos de literatura em um projeto quantitativo ilustram esse pensamento. Essa técnica dá coerência ao estudo. Além disso, enfatizar uma ordem consistente de variáveis, sempre que variáveis independentes ou dependentes forem mencionadas em estudos quantitativos, também reforça essa idéia.

Em um nível mais detalhado, a coerência é obtida através da conexão de sentenças e parágrafos no manuscrito. Zinsser (1983) sugere que cada sentença deve ser uma seqüência lógica daquela que a precede. Um exercício útil é o de “setas e círculos” (Wilkinson, 1991) para conectar pensamentos de uma sentença para outra (ou de um parágrafo para outro).

A passagem que segue, do rascunho do trabalho de um aluno, mostra um alto nível de coerência. Ela vem da seção introdutória do rascunho de um projeto de tese qualitativa sobre alunos em risco. Nessa passagem, tomei a liberdade de desenhar “setas” e “círculos” para conectar as idéias de uma sentença para outra e de um parágrafo para outro. O objetivo do exercício “setas e círculos” (Wilkinson, 1991) é conectar os principais pensamentos de cada sentença e de cada parágrafo. Se tal conexão não puder ser feita com facilidade, a passagem não tem coerência, e o escritor precisa acrescentar palavras, frases ou sentenças de transição para estabelecer uma conexão clara.

### Exemplo 3.5 Amostra de uma passagem ilustrando a técnica de setas e círculos

Eles se sentam no fundo da sala não porque querem, mas porque esse é o lugar designado para eles. Barreiras invisíveis que existem na maioria das salas de aula dividem a classe e separam os alunos. Na parte da frente da sala estão os “bons”

alunos que esperam com as mãos posicionadas, prontas para se elevarem assim que receberem o comando. Desajeitados como insetos gigantes presos na armadilha educacional, os atletas e seus seguidores ocupam o centro da sala. Aqueles menos seguros de si e de sua posição dentro da sala sentam-se no fundo, à margem do grupo de alunos.

Os alunos sentados no círculo externo formam uma população que, por diversas razões, não está se saindo bem no sistema de educação pública norte-americano. Eles sempre fizeram parte da população estudantil. No passado eles eram chamados desprivilegiados, de baixo resultado, retardados, empobrecidos, lerdos e uma variedade de outros nomes (Cuban, 1989; Presseisen, 1988). Hoje são chamados alunos em risco. Suas faces estão mudando e seu número está aumentando nos ambientes urbanos (Hodgkinson, 1985).

Nos últimos oito anos tem havido uma quantidade sem precedente de pesquisa sobre a necessidade de excelência na educação e sobre alunos em risco. Em 1983, o governo publicou um documento intitulado *Uma nação em risco*, que identificava problemas no sistema educacional norte-americano e pedia grandes reformas. A maior parte das reformas iniciais focava-se em currículos mais rigorosos de estudo e padrões mais altos de desempenho dos alunos (Barber, 1987). Em meio à atenção para excelência, tornou-se aparente que as necessidades do estudante marginal não estavam sendo atendidas. A questão do que era necessário para garantir que todos os alunos tivessem uma chance justa na educação de qualidade estava recebendo pouca atenção (Hamilton, 1987; Toch, 1984). À medida que aumentava a pressão por excelência na educação, as necessidades dos alunos em risco tornavam-se mais aparentes.

Grande parte da pesquisa inicial focava-se em identificar as características do aluno em risco (OERI, 1987; Barber e McClellan, 1987; Hahn, 1987; Rumberger, 1987), enquanto outros autores de pesquisa educacional pediam reforma e programas desenvolvidos para alunos em risco (Mann, 1987; Presseisen, 1988; Whelage, 1988; Whelege e Lipman, 1988; Stocklinski, 1991; Levin, 1991). Estudos e pesquisa sobre esse tópico incluíram especialistas na área de educação, empresas e indústria, além de muitas agências governamentais.

Embora tenha sido feito progresso na identificação das características dos alunos em risco e no desenvolvimento de programas para atender suas necessidades, a essência da questão do risco continua a contaminar o sistema escolar norte-americano. Alguns educadores acham que não precisamos de pesquisa adicional (DeBlois, 1989; Hahn, 1987). Outros pedem uma aliança mais forte entre empresas e educação (DeBlois, 1989; Mann, 1987; Whelege, 1988). Outros ainda pedem uma total reestruturação em nosso sistema educacional (OERI, 1987; Gainer, 1987; Levin, 1988; McCune, 1988).

Depois de muita pesquisa e muitos estudos feitos por especialistas, ainda temos alunos à margem da educação. A exclusividade deste estudo vai mudar o

foco das causas e do currículo para o aluno. É hora de questionar os alunos e ouvir suas respostas. Essa dimensão agregada deve trazer um maior entendimento à pesquisa já disponível e resultar em mais áreas para reforma. Desistentes e potenciais desistentes serão entrevistados em profundidade para descobrir se há fatores em comum dentro do ambiente da escola pública que interferem no processo de aprendizado. Essas informações devem ser úteis tanto para o pesquisador, que continuará a buscar novas técnicas em educação, como para o profissional que trabalha diariamente com esses alunos.

## Voz, tempo e "gordura"

Do trabalho com pensamentos amplos e parágrafos, passo para o nível de escrever sentenças e palavras. Nos termos de Franklin (1986), a pessoa está, nesse estágio, trabalhando no nível de "polimento" da escrita, abordado posteriormente no processo de redação. A pessoa pode encontrar muitos livros de redação sobre regras e princípios a seguir para a construção de uma boa sentença e para a escolha da palavra. Wolcott (2001), por exemplo, fala sobre "lapidar" as habilidades editoriais para eliminar palavras desnecessárias, apagar a voz passiva, escalonar qualificadores, eliminar frases muito utilizadas e reduzir citações excessivas, uso de itálico e comentários entre parênteses. As idéias adicionais que seguem sobre voz ativa, tempo verbal e "gordura" reduzida podem fortalecer e revigorar a redação acadêmica.

- Use a voz ativa o máximo possível na redação acadêmica. Segundo Ross-Larson (1982), "se o sujeito age, a voz é ativa. Se o sujeito recebe a ação, a voz é passiva" (p. 29). Além disso, um sinal da construção passiva é alguma variação de um verbo auxiliar, como "era". Os exemplos incluem "será", "foi" e "está sendo". Os escritores podem usar a construção passiva quando a pessoa que age pode ser logicamente deixada de fora da frase e quando o que sofre a ação é o sujeito do resto do parágrafo (Ross-Larson, 1982).
- Use verbos fortes e tempos verbais apropriados para a passagem no estudo. Verbos preguiçosos são aqueles para os quais falta ação ("é" ou "era", por exemplo) ou aqueles usados como adjetivos ou advérbios.
- Uma prática comum é usar o tempo passado para revisar a literatura e reportar os resultados de um estudo. O tempo futuro seria apropriado para todos os outros períodos das propostas e dos planos de pesquisa. Para estudos já completados, use o tempo presente para acrescentar vigor ao estudo, especialmente na introdução.
- Prepare-se para editar e revisar rascunhos de um manuscrito para cortar o excesso de palavras, a "gordura", da prosa. Redigir rascunhos múltiplos de



um manuscrito é uma prática-padrão para a maioria dos escritores. O processo geralmente consiste de escrever, revisar e editar. No processo de edição, corte o excesso de palavras das sentenças, como modificadores empilhados, preposições excessivas e as construções "o... de" (por exemplo, "o estudo de"), que acrescentam verbosidade desnecessária ao estudo (Ross-Larson, 1982). Lembrei-me da prosa desnecessária que aparece nas redações pelo exemplo mencionado por Bunge (1985):

Hoje em dia, é quase possível visualizar pessoas brilhantes lutando para reinventar a sentença complexa diante dos seus olhos. Um amigo meu, que é diretor de faculdade, de vez em quando tem que dizer uma frase complexa e acaba sempre em um daqueles chavões que começam com "Eu espero que sejamos capazes...". Ele não falava desse jeito quando o conheci, mas mesmo na sua idade, na sua distância da crise na vida das pessoas mais jovens, ele tem estado até certo ponto alienado do diálogo fácil. (Bunge, 1985, p. 172)

Comece estudando bons textos que usam projetos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos. Na boa redação, o olho não descansa e a mente não tropeça em uma passagem. Neste livro, tentei usar exemplos de boa prosa de periódicos de ciências humanas e sociais, como *American Journal of Sociology*, *The American Cartographer*, *Journal of Applied Psychology*, *Administrative Science Quarterly*, *American Educational Research Journal*, *Sociology of Education* e *Image Journal of Nursing Scholarship*. Na área qualitativa, a boa literatura serve para ilustrar prosa clara e passagens detalhadas. Pessoas que ensinam pesquisa qualitativa recomendam literatura clássica (por exemplo, *Moby Dick*, *A Letra Escarlate* e *Fogueira das Vaidades*) como indicação de leitura nos cursos qualitativos (Webb e Glesne, 1992). Periódicos como *Qualitative Inquiry*, *Qualitative Research*, *Symbolic Interaction*, *Qualitative Family Research* e *Journal of Contemporary Ethnography* são bons periódicos acadêmicos para examinar. Na pesquisa de métodos mistos, examine periódicos que reportem estudos com dados qualitativos e quantitativos combinados, incluindo muitos periódicos de ciências sociais, como *Field Methods*. Examine os numerosos artigos de periódicos citados no *Handbook of Mixed Methods in the Social and Behavioral Sciences* (Tashakkori e Teddlie, 2002).

## Questões éticas a prever

Além de conceitualizar o processo de redação para uma proposta, os pesquisadores precisam prever as questões éticas que podem surgir durante seus estudos. Como mencionado anteriormente, é necessário escrever sobre esses tópicos para criar um argumento a favor de um estudo, o que é importante ao formatar propostas.

Na literatura, as questões éticas surgem em discussões sobre códigos de conduta profissional para pesquisadores e em comentários sobre dilemas éticos e suas potenciais soluções (Punch, 1998). Muitas associações nacionais nos Estados Unidos publicaram padrões ou códigos de ética em seus Web sites para profissionais da área. Para exemplos, ver:

- *Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct* (Princípios éticos de psicólogos e código de conduta), da American Psychological Association, escrito em 1992, disponível em [www.apa.org/ethics/code.html](http://www.apa.org/ethics/code.html)
- American Sociological Association Code of Ethics (Código de ética da Associação Sociológica Americana), adotado em 1997 e disponível em [www.asanet.org/members/ecoderev.html](http://www.asanet.org/members/ecoderev.html)
- American Anthropological Association's Code of Ethics (Código de ética da Associação Antropológica Americana), aprovado em junho de 1998, disponível em [www.aaanet.org/committeess/ethics/ethcode.htm](http://www.aaanet.org/committeess/ethics/ethcode.htm)
- American Educational Research Association Ethical Standards (Padrões éticos da Associação Americana de Pesquisa Educacional), atualizado em 2001, disponível em [www.aera.net/about/policy/\\_vti\\_cnf/ethics.htm](http://www.aera.net/about/policy/_vti_cnf/ethics.htm)
- American Nurses Association Code of Ethics for Nurses-Provisions (Código de ética para enfermeiros da Associação Americana de Enfermeiros), aprovado em 2001 e disponível em [www.ana.org/ethic/chcode.htm](http://www.ana.org/ethic/chcode.htm)

Além desses códigos de ética profissional, os escritores detalham dilemas éticos para investigadores e pesquisadores (por exemplo, ver Berg, 2001; Punch, 1998; Sieber, 1998). Essas questões se aplicam à pesquisa qualitativa, quantitativa e de métodos mistos. Além disso, o redator da proposta precisa prevê-las e especificá-las em seu plano de pesquisa. Nos capítulos que seguem, na Parte II, refiro-me a questões éticas em muitos estágios do processo de pesquisa. Ao antecipá-las nesse ponto, espero encorajar o redator da proposta a trabalhar ativamente essas questões nas seções de uma proposta. Embora tal discussão não cubra totalmente todas as questões éticas, aborda as principais delas. Essas questões surgem, a princípio, durante a especificação do problema de pesquisa (Capítulo 4), identificação de uma declaração de objetivo e das questões de pesquisa (Capítulos 5 e 6) e coleta, análise e redação dos resultados dos dados (Capítulos 9, 10 e 11).

## Questões éticas na descrição do problema de pesquisa

Ao escrever a introdução de um estudo, o pesquisador identifica um problema ou uma questão importante para estudar e justifica essa importância. Durante a identificação do problema de pesquisa, é importante identificar um problema que vá beneficiar as pessoas que estão sendo estudadas. Uma idéia básica da pes-

quisa de ação/participatória é que o pesquisador não marginalize ainda mais ou tire mais poder dos participantes do estudo. Para evitar isso, os criadores da proposta podem conduzir um projeto-piloto para estabelecer confiança e respeito com os participantes, de forma que os investigadores possam detectar qualquer marginalização antes que a proposta seja desenvolvida e o estudo comece.

### Questões éticas na descrição de objetivos e nas indagações da pesquisa

Ao desenvolver a descrição de objetivo ou o propósito central e as questões de um estudo, o criador da proposta precisa comunicar o objetivo do estudo que será descrito para os participantes. A fraude ocorre quando os participantes entendem um objetivo para um estudo, mas o pesquisador tem um objetivo diferente em mente. Também é importante que os pesquisadores especifiquem o patrocínio de seu estudo. Por exemplo, ao planejar as cartas de cobertura para a pesquisa, o patrocínio será um elemento importante para estabelecer confiança e credibilidade em um instrumento de pesquisa a ser enviado por correio.

### Questões éticas na coleta de dados

À medida que os pesquisadores planejam a coleta de dados, eles precisam respeitar os participantes e os locais para pesquisa. Muitas questões éticas surgem durante esse estágio da pesquisa.

- Não ponha os participantes em risco e respeite as populações vulneráveis. Os pesquisadores precisam ter seus planos de pesquisa revisados pelo Institutional Review Board – IRB (Junta de Revisão Institucional) de suas universidades. Os comitês IRB existem nas universidades devido a regulamentações federais norte-americanas que garantem proteção contra violações dos direitos humanos. Para um pesquisador, o processo IRB exige avaliação do potencial de risco, como dano físico, psicológico, social, econômico ou legal (Sieber, 1998) para os participantes de um estudo. Além disso, o pesquisador precisa considerar as necessidades especiais de populações vulneráveis, como menores de 19 anos, participantes mentalmente incapazes, vítimas, pessoas com problemas neurológicos, mulheres grávidas ou fetos, prisioneiros e pessoas portadoras de AIDS. Os investigadores apresentam a proposta de pesquisa contendo procedimentos e informações sobre os participantes para o comitê do IRB no *campus*, de forma que a junta possa revisar até que ponto o estudo proposto expõe as pessoas ao risco. Além dessa proposta, o pesquisador elabora um *formulário de consentimento informado* para os participantes assinarem antes de participarem da pesquisa. Esse formulário reconhece que os direitos dos participantes foram

protegidos durante a coleta de dados. Os elementos desse formulário de consentimento incluem o seguinte (Creswell, 2002):

- O direito de participar voluntariamente e o direito de desistir a qualquer momento, de forma que a pessoa não seja coagida à participação.
- O objetivo do estudo, de forma que as pessoas entendam a natureza da pesquisa e seu provável impacto sobre elas.
- Os procedimentos do estudo, de forma que as pessoas tenham uma idéia razoável do que esperar na pesquisa.
- O direito de fazer perguntas, obter uma cópia dos resultados e ter a privacidade respeitada.
- Os benefícios do estudo que vão resultar para a pessoa.
- Assinatura do participante e do pesquisador concordando com esses termos.
- Outros procedimentos durante a coleta de dados envolvem obtenção de permissão das pessoas com autoridade (por exemplo, “guardiães do acesso”) para dar acesso aos participantes de um estudo aos locais de pesquisa. Isso geralmente significa escrever uma carta especificando a duração, o impacto potencial e os resultados da pesquisa.
- Os pesquisadores precisam respeitar os locais de pesquisa, deixando-os intactos após um estudo. Isso exige que os pesquisadores, especialmente em estudos qualitativos envolvendo observação prolongada ou entrevistas em um local, estejam cientes de seu impacto e minimizem a perturbação do ambiente físico. Por exemplo, eles podem fazer visitas com hora marcada, de forma a perturbar pouco o fluxo de atividades dos participantes.
- Em estudos experimentais, os investigadores precisam coletar dados de forma que todos os participantes, e não apenas um grupo experimental, se beneficiem dos tratamentos. A questão pode exigir fornecer *algum* tratamento para todos os grupos ou escalonar o tratamento de forma que, ao final, todos os grupos recebam o tratamento benéfico.
- É necessário considerar meios para que haja reciprocidade entre pesquisador e participantes. Em algumas situações de pesquisa, é muito fácil abusar do poder, e os participantes podem ser coagidos a participar de um projeto. Envolver as pessoas colaborativamente no projeto e nas questões de pesquisa antes da coleta de dados, além de buscar ativamente o apoio delas durante todas as fases da pesquisa, pode ajudar a amenizar essa questão.
- Os pesquisadores também precisam prever a possibilidade de que informações prejudiciais sejam reveladas durante o processo de coleta de dados. Por exemplo, um aluno pode discutir abuso paterno, ou prisioneiros po-

dem falar sobre uma fuga. Nessas situações, o código de ética dos pesquisadores é proteger a privacidade dos participantes e transmitir essa proteção a todas as pessoas envolvidas no estudo.

### Questões éticas na análise e na interpretação de dados

Quando o pesquisador analisa e interpreta dados quantitativos e qualitativos, surgem questões que exigem boas decisões éticas. Ao planejar um estudo de pesquisa, considere o seguinte:

- Como o estudo vai proteger o anonimato de pessoas, papéis e incidentes no projeto. Por exemplo, em um estudo de pesquisa, os pesquisadores desassociam nomes das respostas durante o processo de codificação e registro. Na pesquisa qualitativa, os investigadores usam apelidos ou pseudônimos para pessoas e locais a fim de proteger identidades.
- Os dados, uma vez analisados, precisam ser mantidos por um período de tempo razoável (por exemplo, Sieber, 1998, recomenda 5-10 anos). Os investigadores então precisam destruir os dados para que eles não caiam em mãos de outros pesquisadores, que poderiam se apropriar deles para outros fins.
- Quem terá a posse dos dados uma vez que eles sejam coletados e analisados também pode ser uma questão que cria discussão entre as equipes de pesquisa e as pessoas, jogando uns contra os outros. A proposta deve mencionar a questão de propriedade e discutir como ela será resolvida, talvez através do desenvolvimento de um entendimento claro entre o pesquisador, os participantes e possivelmente os orientadores acadêmicos. Berg (2001) recomenda o uso de "acordos pessoais" para designar propriedade dos dados de pesquisa. Uma extensão dessa idéia é evitar compartilhar os dados com pessoas não-envolvidas no projeto.
- Na interpretação de dados, os pesquisadores precisam prestar contas acuradas das informações. Essa exatidão pode exigir um "interrogatório posterior" entre pesquisador e participantes na pesquisa quantitativa (Berg, 2001). Na pesquisa qualitativa, pode significar o uso de uma ou mais estratégias (ver estratégias de validação no Capítulo 10) para verificar a exatidão dos dados com os participantes ou com diferentes fontes de dados.

### Questões éticas na redação e na divulgação da pesquisa

As questões éticas não terminam com a coleta e análise de dados; elas também se estendem para a redação e divulgação do relatório final de pesquisa. Por exemplo:

- Definir que a pesquisa não vai usar linguagem ou palavras preconceituosas contra as pessoas em razão de sexo, orientação sexual, raça ou grupo étnico, deficiência ou idade. O *Publication Manual of the American Psychological Association* (Manual de Publicação da Associação de Psicologia Americana) (5ª ed.) (American Psychological Association, 2001) sugere três diretrizes. Primeiro, apresente linguagem não-preconceituosa em um nível apropriado de especificidade (por exemplo, em vez de dizer "o comportamento do cliente era tipicamente masculino", escreva "o comportamento do cliente era \_\_\_\_\_ (especifique)". Segundo, use linguagem sensível a rótulos (por exemplo, em vez de "400 hispânicos", indique "400 mexicanos, espanhóis e porto-riquenhos"). Terceiro, reconheça os participantes em um estudo (por exemplo, em vez de "sujeito", use a palavra "participante", e em vez de "mulher médica," use "doutora" ou "médica").
- Outras questões éticas na redação da pesquisa vão envolver a potencial supressão, falsificação ou invenção de resultados para atender às necessidades de um pesquisador ou de um público. Essas práticas fraudulentas não são aceitas em comunidades de pesquisa profissional e constituem má conduta científica (Neuman, 2000). A proposta deve conter uma declaração proativa do pesquisador indicando que não empregará essas táticas.
- Ao planejar um estudo, é importante prever as repercussões da condução de pesquisa com determinados públicos e não fazer mau uso dos resultados para criar vantagem de um grupo ou de outro.
- Finalmente, é importante liberar os detalhes da pesquisa com o projeto do estudo, de forma que os leitores possam determinar por si mesmos a credibilidade do estudo (Neuman, 2000). A ênfase em procedimentos detalhados para pesquisa quantitativa, qualitativa e de métodos mistos será enfatizada nos próximos capítulos.

### Resumo

É importante considerar como redigir uma proposta antes de engajar-se de fato no processo. Considere os nove argumentos apresentados por Maxwell (1996) como os principais elementos a incluir e depois use um de nossos quatro esquemas tópicos para elaborar uma proposta completa qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos.

Durante o processo de redação, comece colocando as palavras no papel para concatenar as idéias, estabeleça o hábito de escrever em bases regulares e use estratégias como aplicação de termos consistentes, diferentes níveis de pensamento narrativo e coerência para fortalecer a redação. Escrever na voz ativa, usar verbos fortes, revisar e editar também ajudam.

Antes de redigir uma proposta, é importante considerar as questões éticas que podem ser previstas e descritas na proposta. Essas questões estão relacionadas a todas as fases do processo de pesquisa. Levando-se em conta os participantes, os locais de pesquisa e os leitores potenciais, é possível elaborar estudos que contenham práticas éticas.

### Exercícios de redação

1. Desenvolva um esboço tópico para uma proposta quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos. Inclua no exemplo os principais tópicos citados neste capítulo.
2. Localize um artigo de periódico que relate pesquisa qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos. Examine a introdução do artigo e, usando o método "setas e círculos" ilustrado neste capítulo, identifique as deficiências no fluxo de idéias de uma sentença para outra e de um parágrafo para outro.
3. Considere um dos seguintes dilemas éticos que um pesquisador pode enfrentar. Descreva como você preveria o problema e como o abordaria ativamente em sua proposta de pesquisa.
  - a. Um prisioneiro que você está entrevistando menciona uma potencial rebelião na prisão naquela noite. O que você faz?
  - b. Um pesquisador em sua equipe copia frases de outro estudo, incorporando-as no relatório final de seu projeto. O que você faz?
  - c. Uma aluna coleta dados para seu projeto com diversas pessoas que ela entrevistou nas famílias de sua cidade. Depois da quarta entrevista, ela lhe diz que não conseguiu aprovação do projeto por parte do Institutional Review Board. O que você faz?

### Leituras adicionais

Maxwell, J. (1996). *Qualitative research design: An interactive approach*, Thousand Oaks, CA: Sage.

Joe Maxwell nos dá uma boa visão do processo de desenvolvimento de proposta para pesquisa qualitativa que, de várias formas, é aplicável também

para pesquisa quantitativa e de métodos mistos. Ele afirma que uma proposta é um argumento para conduzir um estudo e apresenta um exemplo que descreve nove passos necessários. Além disso, ele inclui uma proposta qualitativa completa e a analisa como exemplo de um bom modelo a seguir.

Sieber, J. E. (1998). Planning ethically responsible research. Em L. Bickman e D. J. Rog (eds.), *Handbook of applied social research methods* (p. 127-156). Thousand Oaks, CA: Sage.

Joan Sieber discute a importância do planejamento ético como fundamental para o processo do projeto de pesquisa. Neste capítulo, ela fornece uma revisão completa de muitos tópicos relacionados a questões éticas, como Institutional Review Board, consentimento informado, privacidade, confidencialidade e anonimato, além de elementos de risco de pesquisa e populações vulneráveis. A cobertura dela é ampla e suas recomendações para estratégias são numerosas.

Wolcott, H. F. (2001). *Writing up qualitative research* (2ª ed.), Thousand Oaks, CA: Sage.

Harry Wolcott, um etnógrafo educacional, compilou um excelente guia de recursos abordando numerosos aspectos do processo de redação em pesquisa qualitativa. O guia traz técnicas úteis para iniciar-se na redação; desenvolver detalhes; associar com literatura, teoria e método; "enxugar" com revisão e edição; terminar o processo atentando para aspectos como o título e os anexos. Para todos os aspirantes a autores, este é um livro essencial, independentemente de seu estudo ser qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos.